

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

EMERSON VIANA BRAGA

**HAPLOLOGIA À LUZ DA TEORIA DA OTIMIDADE E À LUZ DA PERCEPÇÃO
DO FALANTE NATIVO**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2019

EMERSON VIANA BRAGA

**HAPLOLOGIA À LUZ DA TEORIA DA OTIMIDADE E À LUZ DA PERCEPÇÃO
DO FALANTE NATIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e análise de línguas naturais

Orientadora: Profa. Dra. Vera Pacheco

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

B792h	Braga, Emerson Viana. Haplologia à luz da Teoria da Otimidade e à luz da percepção do falante nativo. / Emerson Viana Braga; orientadora Vera Pacheco - - Vitória da Conquista, 2019. 90f. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) -- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Inclui referência F. 81 – 84. 1. Haplologia - Percepção. 2. Balanceamento de sílabas. 3. Portmanteau. 4. Teoria da otimidade. I. Pacheco, Vera (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em Linguística. T. III.
	CDD: 401.4

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Haplology according to Optimality Theory according to Perception of native speaker.

Palavras-chave em inglês: Portmanteau; Syllabic balancing; Haplology; Optimality Theory; Perception.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Vera Pacheco (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Marian dos Santos Oliveira (UESB); Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari (UNESP).

Data da defesa: 22/03/2019.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

EMERSON VIANA BRAGA

**HAPLOLOGIA À LUZ DA TEORIA DA OTIMIDADE E À LUZ DA PERCEPÇÃO
DO FALANTE NATIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 22 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Vera Pacheco (Presidente)
Instituição: UESB

Ass: V. Pacheco

Profa. Dra. Marian dos Santos Oliveira
Instituição: UESB

Ass: M. dos Santos Oliveira

Profa. Dra. Gládia Massini-Cagliari
Instituição: UNESP

Ass: G. Massini-Cagliari

A Evaristo (*in memorian*) e à Dilza por terem sido, desde de sempre, os meus anjos da guarda;

E a todos LGBTQIs que morreram e aos que foram e continuam indo à luta em busca de uma sociedade igualitária.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um verbo que deveria fazer parte do dia a dia de todo ser humano. Não há maior maneira de nos tornarmos melhores se não agradecemos às pessoas que tanto nos ajudam e nos cercam durante a vida. A trajetória do mestrado é árdua e, por vezes, solitária, e há pessoas que conseguem ter a paciência para entender nossas ausências e nos encorajar a chegar até o final do processo.

Inicialmente, agradeço à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) por proporcionar que estudantes, como eu, pudessem ingressar numa universidade pública em nível de graduação e mestrado.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”, o que permitiu que eu pudesse desenvolver a pesquisa em tempo integral.

Agradeço (e não sei quanto) à minha orientadora, Dra. Vera Pacheco, por todo cuidado e paciência comigo durante esse tempo. Um ser humano ímpar e uma pesquisadora incrível que trata a pesquisa com muita seriedade e idoneidade e que respeita todas as pessoas à sua maneira. Seu amor pela pesquisa me inspira todos os dias a ser um profissional, exatamente, como você é.

Agradeço, também, à professora, Dra. Marian Oliveira, por dividir todo seu conhecimento e amor comigo. Nossa relação nasceu de modo tão saudável que hoje posso afirmar que você também é uma pessoa (além de pesquisadora) especial em minha vida. Ao lado da professora Vera, ajudou-me e me encorajou a vivenciar a pesquisa todos os dias. Seu amor pela pesquisa, também, é admirável. Nesse interim, agradeço à professora Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia que, com a professora Marian, trouxe contribuições significativas para esta dissertação no período da qualificação.

Agradeço, também, à professora Dra. Gladis Massini-Cagliari por ter aceitado compor a banca da minha defesa e por dado contribuições valiosas para a versão final desta dissertação.

Agradeço aos professores do PPGLin por propagarem tanto conhecimento e sapiência. Em especial, aos professores Adilson Ventura, Cristiani Namiuti, Jorge Viana, Maria de Fátima Almeida Baia, Marian Oliveira, Valéria Viana e Vera Pacheco.

Agradeço à Luciana e Vanêide, funcionárias do PPGLin, bem como às meninas do colegiado de Memória por serem tão solícitas e cuidadosas com os estudantes.

Agradeço aos professores Drs. Elisa Battisti, José Magalhães e Luiz Carlos Schwindt pelas contribuições para esta pesquisa. Foram proveitosos os momentos em que recebi suas sugestões para que este trabalho pudesse ser concluído.

Aos meus colegas, meu muito obrigado por compartilhar conhecimento, dividir ideias e fazer o meu mestrado mais feliz. Amandinha, Cris, Dan, Lécio, Mari, Maura, Rai e Tais vocês são o sobretudo disso.

Agradeço ao grupo do LAPEFF e do NÚCLEO SABER DOWN pela parceria e companheirismo durante essa jornada. Os poucos momentos de descontração no laboratório nos tiravam, por alguns instantes, o estresse do dia a dia. Especialmente, À Gláubia, Karina, Mari, Tais e a Hergon por serem tão parceiros.

À Karina e Mari, duas irmãs que a Fonética e Fonologia me deu. Obrigado pelo apoio e ajuda nos momentos de desespero.

À Raiana Cristina, sob o doce apelido de Rai, por ser a pessoa mais bondosa que eu pude conhecer na vida. Sua paz de espírito, inteligência e fé me ensinaram a ser mais calmo e paciente. Obrigado pela companhia, pelas conversas e pelo olhar crítico e carinhoso para esta dissertação. Nossos caminhos se cruzaram, tanto quanto ao da professora Vera, para nunca mais nos separarmos. Eu quero vocês para sempre em minha vida.

Agradeço e agradecerei para sempre a André Luís Faria, uma das pessoas mais inteligentes que já conheci na vida, por nunca ter desistido de mim. Seu olhar de semanticista contribuiu, significativamente, para o término desta dissertação. Por me impulsionar a sair sempre da bolha, ensinar-me a enfrentar e encarar os desafios apresentados pela vida. Uma amizade que iniciou em sala de aula, como meu professor, e que se expandiu para a vida. Os seus (melhores) conselhos ajudaram na minha formação como um jovem pesquisador na área de linguística, além de me ajudar sempre a me tornar um homem cada vez melhor.

Adriana Barbosa, obrigado por me apresentar o universo da pesquisa e ter ajudado em minha formação acadêmica. Eu reitero que, durante minha graduação, você e André tornaram-se meus padrinhos acadêmicos.

Não há palavras, maneiras e nem gestos para agradecer à Dilza e a Evaristo (*in memorian*), os grandes amores da minha vida. Vocês são a verdadeira razão pela qual eu sempre busco me tornar um homem melhor. Obrigado por toda educação e por todo incentivo e por, absolutamente, TUDO. Eu jamais conseguirei descrever todo o amor que sinto por vocês. Portanto, só me resta a agradecer e agradecer.

À Lari, Bruna e a Anderson e Mateus, meus irmãos, meus amores, eu agradeço por ter tido a oportunidade de ser o irmão mais velho de vocês. Agradeço também aos meus pais, Maria

José e Dilson, do mesmo modo como agradeço ao meu padrasto Jai. Estendo meus agradecimentos à Tia Margarida e às minhas primas, Railey e Vera.

Agradeço à Luciene e Geni e a Júnior Handam, as mães e o pai que a vida me deu, por me tratarem como filho e terem me dado amor, só amor. Vocês são muito especiais para mim! À minha madrinha, Aline, por quem sempre tive uma grande admiração. Obrigado por ter me aceitado como afilhado e me dado tanto carinho. À Maria Alice, a Dan, Di, Dioguinho e Artur, os presentes mais lindos que recebi nos últimos anos. Vocês não entendem, hoje, a minha gratidão, mas os seus gestos pueris e ingênuos, ajudam-me a querer ser sempre melhor.

Agradeço também aos melhores amigos de toda uma vida, Dan Barros, Dan Silva, Iago, e Titi por serem meus irmãos de todas as horas, por me inspirarem todo dia e por serem os melhores irmãos que alguém pode ter. Ao mesmo tempo, agradeço à Dani, Driu, Ellen e Marília por fazerem parte da minha vida desde a infância e entenderem minhas ausências e me darem amor e carinho sempre. Às amigas que o colégio me deu, Lílían e Carol, eu não poderia deixar de agradecer. Sou grato à vida por nossa amizade ter continuado além dos tempos de escola.

A Vinicius, um companheiro de todas as horas, eu agradeço muito por tanto cuidado e compreensão. Mesmo sem entender os mecanismos desta pesquisa, esteve sempre disposto a ouvir e me dava apoio, quando entendia que, às vezes, eu precisava ser ausente. Independentemente de qualquer coisa que venha acontecer, eu deixo registrado aqui minha gratidão a você.

Às Famílias do vôlei de Jequié, da UESB e de Vitória da Conquista, eu agradeço por me proporcionarem momentos de alegrias em quadra (e fora dela também). Caio, Dinho, Ivan, Kassinha, Luna, Lauana, Maique, Tontom tenho um apreço enorme por vocês. Agradeço a Alisson e Éder, dois amigos que, mesmo distante, contribuíram, significativamente, para/com esta pesquisa, quando me ajudaram a propagar o formulário em outros estados. Gratidão a e por vocês!

Agradeço a todo ser humano que compôs a minha história direta ou indiretamente, mas sobretudo, aos homens gays/negros/pobres que sofrem todos os dias por serem que são e por continuarem lutando na tentativa de mostrar sempre que o que nos separa das demais pessoas é a oportunidade.

Deus, eu te agradeço por proporcionar que tudo isso acontecesse em minha vida.

“A palavra certa é um agente poderoso. Sempre que encontramos uma dessas palavras imensamente certas... o efeito resultante é físico e espiritual, além de imediato”.

Mark Twain.

RESUMO

No português, como em qualquer língua natural, os processos fonológicos são comuns nas operações morfológicas de formação de palavra. Nesse estudo, mostraremos como o fenômeno da haplologia – desaparecimento de segmentos ou sílabas contíguas semelhantes ou idênticos – é bastante comum em processos de composição com perda de material fonético, *portmanteau* – sobreposição entre duas bases, como em *sacolé* (**saco** + **picolé**). Essa sobreposição oferece possibilidade para ocorrência da haplologia: a sílaba [ko] em ambas bases, que se funde a partir desta amalgamação. Diante disso, nos questionamos: qual o funcionamento da haplologia no processo de formação de palavras do português atual, ou seja, na formação das palavras recentemente criadas? Procuramos compreender as motivações do desaparecimento do material fonético, analisando as suas motivações fonológicas, bem como a natureza desse desaparecimento: se fusão, ou seja, eliminação parcial; ou apagamento, eliminação efetiva. Nossa hipótese é de que no Português Brasileiro (PB), a haplologia poderá ser tanto do tipo fusão ou apagamento. Um outro caso será determinado pelo número de sílabas das bases envolvidas na formação do composto. Para análise, descrevemos o processo do *portmanteau* com aplicação da haplologia por meio da Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993) para analisar os dados e da Teoria da Correspondência (MCCARTHY; PRINCE, 1995) para compreender melhor a interface entre a Morfologia e a Fonologia. Além disso, investigamos qual o nível de aceitabilidade da haplologia em palavras reais e logatomas e verificamos a produtividade da haplologia em processo de formação de palavras em situações experimentais por meio da percepção. Constatamos, a partir da OT que o balanceamento silábico entre as bases denota uma prevalência em processo como *portmanteau*, ainda ocorra a aplicação da haplologia e o fenômeno fonológico pode ser compreendido sob duas naturezas: de fusão ou de apagamento. Além disso, os experimentos indicaram que a aplicação da haplologia no processo tem um alto índice de aceitabilidade pelos falantes e que será o balanceamento de sílabas que irá prevalecer na contiguidade de segmentos ou sílabas iguais.

PALAVRAS-CHAVE

Portmanteau. Balanceamento de sílabas. Haplologia. Teoria da Otimidade. Percepção.

ABSTRACT

In Portuguese, as in any natural language, phonological processes are common in morphological operations of word formation. In this study, we will show how the phenomenon of haplology - disappearance of similar or identical contiguous segments or syllables - is quite common in composition processes with loss of phonetic material, portmanteau - overlap between two bases, as in *sacolé* (*saco* + *picolé*). This overlap offers possibility for the occurrence of haplology: the syllable [ko] in both bases, which merges from this amalgamation. In view of this, we ask ourselves: what is the functioning of haplology in the process of word formation of the present Portuguese, that is, in the formation of newly created words? We try to understand the motivations of the disappearance of the phonetic material, analyzing their phonological motivations, as well as the nature of this disappearance: if fusion, that is, partial elimination; or deletion, effective deletion. Our hypothesis is that in Brazilian Portuguese, haplology may be either of the type of fusion or deletion. A further case will be determined by the number of syllables of the bases involved in the formation of the compound. For analysis, we describe the portmanteau process with the application of haplology through the Optimality Theory (PRINCE; SMOLENSKY, 1993) to analyze the data and the Correspondence Theory (MCCARTHY; PRINCE, 1995) to better understand the interface between morphology and the Phonology. In addition, we investigated the level of acceptability of haplology in real words and logatomas and verified the productivity of haplology in the process of word formation in experimental situations through perception. We note that from the OT the syllabic balance between the bases denotes a prevalence in the process as portmanteau, the application of haplology still occurs and the phonological phenomenon can be understood under two natures: fusion or erasure. In addition, the experiments indicated that the application of haplology in the process has a high index of acceptability by the speakers and that it will be the syllable balancing that will prevail in the contiguity of equal segments or syllables.

KEYWORDS

Portmanteau. Syllabic balancing. Haplology. Optimality Theory. Perception.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ranking Básico para o acionamento da haplologia proposto por De Lacy (1999)..	
48	
Quadro 2 – Esquema representacional de palavras por justaposição com número igual de sílabas entre as bases.....	55
Quadro 3 – Esquema representacional de palavras por justaposição com número diferente de sílabas entre as bases.....	56
Quadro 4 – Esquema representacional <i>portmanteau</i> formado por base monossílaba + bases dissílaba.....	57
Quadro 5 – Esquema representacional de balanceamento entre as bases do <i>portmanteau</i>	58
Quadro 6 – Esquema representacional com ocorrência da haplologia com natureza de fusão no processo do <i>portmanteau</i>	59
Quadro 7 - Esquema representacional com ocorrência da haplologia com natureza de apagamento no processo do <i>portmanteau</i>	60
Quadro 8 – Esquema representacional da formação de base + base e seu respectivo <i>portmanteau</i> resultante.....	74
Quadro 9 – Esquema representacional da formação de base + base com sílabas pesadas.....	75

LISTA DE *TABLEAUX*

Tableau 1 – NOCOMPLEX _{onset} >> NOCODA.....	42
Tableau 2 – MAX >> C >> UNIFORMIDADE.....	46
Tableau 3 – MAX >> *STRUC.....	47
Tableau 4 – MAX >> IDENT-F >> C >> UNIFORMIDADE.....	48
Tableau 5 – Haplologia Sintática: OCP na hierarquia básica de De Lacy (1999).....	50
Tableau 6 – OCP com coalescência.....	50
Tableau 7 – DIS >> MAX SEG >> DEP SEG >> σ MAX >> σ DEP.....	63
Tableau 8 – OCP >> MAX >> UNIFOR.....	65
Tableau 9 – MAX >> OCP >> UNIFOR.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Haplologia e tonicidade.....	30
Tabela 2 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em portmanteaux com manutenção de todos os segmentos das bases com números diferentes de sílaba.....	70
Tabela 3 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em portmanteaux com perda de segmentos e/ou sílaba(s) e aplicação da haplologia.....	71
Tabela 4 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em justaposição.....	73
Tabela 5 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em <i>portmanteaux</i> sem quedas de sílabas... 76	
Tabela 6 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em <i>portmanteaux</i> com queda de sílabas e ocorrência da haplologia.....	77

LISTA DE SIGLAS

PB Português Brasileiro

OT Optimality Theory (Teoria da Otimidade)

CT Correspondence Theory (Teoria da Correspondência)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 QUAL O RESULTADO DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR DUAS BASES?....	19
2.1 A justaposição, a aglutinação e o <i>portmanteau</i>	20
2.2 O fenômeno da haplologia.....	26
3 TEORIA DA OTIMIDADE.....	34
3.1 Propriedades da OT.....	35
3.1.1 <i>Universalidade</i>	35
3.1.2 <i>Violabilidade</i>	35
3.1.3 <i>Hierarquização</i>	36
3.1.4 <i>Inclusividade</i>	36
3.1.5 <i>Paralelismo</i>	37
3.2 O funcionamento dos instrumentos da OT.....	37
3.2.1 <i>Léxico</i>	38
3.2.2 <i>GEN</i>	38
3.2.3 <i>CON</i>	39
3.2.4 <i>Eval</i>	40
3.3 Arquitetura básica da OT.....	41
3.4 Representação.....	42
3.5 Teoria da Correspondência.....	43
3.5.1 <i>Implicações da correspondência para a haplologia</i>	45
4 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	52
4.1 Mecanismos da pesquisa.....	52
5 PROPOSTA DE BALANCEAMENTO DE SÍLABAS NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR BASE + BASE.....	55
5.1 Compostos formados com manutenção do material fonético das bases: a justaposição.....	55
5.2 Compostos formados com perda de material fonético das bases: o <i>portmanteau</i>	57
6 HAPLOLOGIA NO PB: UMA ANÁLISE VIA OT.....	62
6.1 Elaboração e análise das restrições.....	62
7 ANÁLISE EXPERIMENTAL DA PERCEPÇÃO.....	67

7.1 Discussões gerais sobre Percepção.....	67
7.2 Uma análise experimental da nível de aceitabilidade do balanceamento do número de sílabas e da haplologia com ocorrência no <i>portmanteau</i>.....	69
7.3 Ocorrência da haplologia com sílaba pesada no <i>portmanteau</i>: uma análise perceptual	74
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
APÊNDICES.....	85
APÊNDICE A – Quadro com <i>Portmanteaux</i> (reais e criados).....	85
APÊNDICE B – Formulário de teste de percepção do <i>Google Forms</i>.....	88

1 INTRODUÇÃO

No português, como qualquer língua natural, os processos fonológicos são comuns nas operações morfológicas de formação de palavra. Mostraremos como fenômeno da haplologia – desaparecimento de sílabas contíguas semelhantes ou idênticas – é bastante comum em processos de composição com perda de material fonético, *portmanteau*. Esse processo é definido como amalgamação entre duas bases, como em *sacolé* (**saco** + **picolé**). A sobreposição oferece possibilidade para ocorrência da haplologia: a sílaba [bo] em ambas bases, que se funde a partir desta amalgamação.

A haplologia, objeto central desta dissertação, constitui-se como um processo fonológico que se caracteriza pela supressão de uma sílaba em fronteira de palavras ou de morfemas, sendo, por isso mesmo, um típico fenômeno de interface da fonologia: ou com a morfologia ou com a sintaxe.

Em português, a haplologia manifesta-se quando segmentos iguais ou semelhantes encontram-se contíguas, tendendo para a supressão de um desses segmentos. Desse modo, a primeira das duas sílabas consecutivas iniciadas pela mesma consoante sofre um processo de redução, incorporando-se a uma só sílaba, como se observa em promoção-mochila >> promochila.

Nosso questionamento é: qual o funcionamento da haplologia no processo de formação de palavras do português atual, ou seja, na formação das palavras recentemente criadas? Procuramos compreender as motivações do desaparecimento do material fonético, analisando as suas motivações fonológicas, bem como a natureza desse desaparecimento: se fusão, ou seja, aparente eliminação, ou apagamento, eliminação efetiva. Nossa hipótese é de que no Português Brasileiro (PB) a haplologia poderá ser tanto do tipo fusão ou apagamento. Um outro caso será determinado pelo número de sílabas das bases envolvidas na formação do composto.

Nesse sentido, pretendemos descrever o processo do *portmanteau* com aplicação da haplologia por meio da Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993) para analisar os dados e da Teoria da Correspondência (MCCARTHY; PRINCE, 1995) para compreender melhor a interface entre a Morfologia e a Fonologia.

Além disso, investigamos qual o nível de aceitabilidade da haplologia em palavras reais e logatomas e verificamos a produtividade da haplologia em processo de formação de palavras em situações experimentais por meio da percepção. Questionamo-nos que(ais) princípio(s) de formação de palavras é/são mais aceito(s) pelo falante? Nossa hipótese é de que o falante é mais

exigente para o equilíbrio no número de sílabas na palavra formada, ou seja, o balanceamento de sílaba precede a contiguidade de segmentos ou sílabas iguais ou semelhantes.

Nessa perspectiva, verificamos a produtividade da haplologia em processo de formação de palavras em situações experimentais por meio da percepção do falante nativo. Nossa tentativa foi compreender qual(is) o(s) princípio(s) que rege(m) essa formação, a partir do balanceamento de sílabas entre as bases.

Esta dissertação está dividida em oito seções, desde a discussão do objeto até as considerações finais. Na primeira seções, apresentamos três processos de formação de palavras por composição (justaposição, aglutinação e *portmanteau*) por tratarem de junção de bases e quedas de segmentos e/ou sílabas, mostrando a importância que eles têm e apresentam nas línguas naturais. Além disso, apresentamos o objeto desta pesquisa, a haplologia, abordando conceitos e estudos que foram feitos em torno do fenômeno. Na segunda seções, abordamos a Teoria da Otimidade, elencando sua diferença com relação às outras teorias fonológicas, além da sua arquitetura e funcionamento, sobretudo, como ela pode dar conta de operações morfológicas e fenômenos fonológicos, como a haplologia.

O terceiro seções apresenta questões gerais sobre a Percepção e de como ela pode ser útil e eficaz para a pesquisa em Linguística. Na seção quatro, traçamos a maneira de como esta pesquisa foi conduzida e de que maneira elaboramos os métodos para as análises pela OT e pela Percepção.

As seções seguintes são de resultados e discussões da pesquisa. O primeiro apresenta a combinação de duas bases, argumentando que, essa combinação, tende para um balanceamento de sílabas entre as bases e, por vezes, abre ocorrência para o fenômeno da haplologia. Dada a discussão e trazidos os resultados, aplicamos, na seção a seguir de resultados e discussões, os *portmanteaux* (combinação ou sobreposição entre duas bases) em *tableaux* para compreender como ocorre a sobreposição dessas bases na gramática interna do falante – já discutida por Araújo (2000). Argumentamos, sobretudo, como a OT pode ser interessante para discutirmos a natureza da ocorrência da haplologia numa operação morfológica como o *portmanteau* se apagamento ou fusão.

A seção sete traz as análises experimentais por meio da Percepção, apontando como se dá a percepção dos brasileiros diante de composição de palavras com perda de material fonético. Testamos o grau de aceitabilidade do balanceamento de sílabas, da haplologia em *portmanteaux*. Por fim, na seção oito, trazemos nossas considerações para os resultados desta pesquisa e de como esta dissertação apresenta mais um resultado distinto para o fenômeno da haplologia, sobretudo, de seu acionamento em uma operação morfológica.

2 QUAL O RESULTADO DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR DUAS BASES?

As línguas naturais possuem alguns recursos para a composição de novas palavras, dentre eles temos a justaposição, aglutinação e o *portmanteau*. O primeiro trata-se de um processo de composição em que as bases primitivas mantêm independência fonética, ou seja, conservam o acento e os segmentos que as constituem, como em *passatempo*, formado por *passa* + *tempo* (ANDRADE; RODININI, 2016). O segundo, ocorre a supressão de algum segmento na união entre as bases, como em *planalto* (*plano* + *alto*). O terceiro resulta da sobreposição de duas bases, formando uma palavra morfológica, como em *chafé* (*chá* + *café*). Ou seja, diferentemente da justaposição, o *portmanteau* é um processo de composição em que não há a manutenção na íntegra das bases originais. Ele se parece um pouco com a aglutinação, porém, o *portmanteau* tende a suprimir sílaba. Esses são processos linguísticos de uso bastante recorrente entre os falantes de qualquer língua natural, sobretudo em situações comunicativas mais informais.

Os processos da justaposição e do *portmanteau* apresentam a junção de duas bases, resultando em uma nova palavra com significado distinto ao das bases de origem. A distinção entre ambos é que na justaposição há manutenção de todos os segmentos e no *portmanteau* há queda de segmentos e/ou sílabas. Além do mais, no primeiro, ainda é possível verificar a manutenção do acento nas bases primitivas, enquanto no segundo, a manutenção do acento de apenas uma das bases, devido à queda de sílaba ou sílabas.

É importante salientar que, embora os *portmanteaux* se afastem dos padrões tradicionais de formação de palavras, dada a discussão sobre a sua não produtividade morfológica nas teorias de formação de palavras, eles ainda representam uma variante dessas operações morfológicas. Ao falarmos de padrões tradicionais, aqui, estamos nos referindo aos compêndios gramaticais que trazem os processos de composição por justaposição e aglutinação, mas não trazem operações morfológicas como o *portmanteau*. Esse afastamento, talvez, aconteça porque, nos estudos da morfologia lexical, ainda não é consenso se o fenômeno está no âmbito da produtividade morfológica ou da criatividade morfológica (ANDRADE; RODININI, 2016).

O *portmanteau* ganhou nossa atenção, uma vez que sua finalidade confere, de modo mais incisivo, o lugar em operações com a associação formal de palavras, sobretudo, quando possibilita espaço para a ocorrência da haplologia – supressão de sílabas contíguas iguais ou semelhantes.

Na seção seguinte, apresentaremos o fenômeno, mostrando sua ocorrência no português e em outras línguas como o hebraico e o espanhol. Em seguida, discutiremos sobre o processo da haplologia.

2.1 A justaposição, a aglutinação e o *portmanteau*

Câmara Jr. (1986) define, como justaposição, a junção de dois vocábulos fonológicos que passam a compor um só vocábulo formal. Os termos conexos conservam a sua individualidade, como em *passatempo* (passa + tempo). Além disso, Andrade e Rondinini (2016) afirmam que, na justaposição, os acentos e segmentos da base que as constituem são preservados. O acento primário mantém-se na segunda base, enquanto o secundário acaba na primeira base.

A outra formação de palavra por composição é conhecida como aglutinação, em que “as bases envolvidas perdem a limitação vocabular entre elas, devido à supressão ou alteração de algum segmento, por sândi interno, como a elisão observada em planalto (plano + alto), ou a crase, em aguardente (água + ardente)” (ANDRADE; RONDININI, 2016, p. 865). Desse modo, a aglutinação apresenta um único acento lexical no composto (ANDRADE; RONDININI, 2016).

Além da justaposição e aglutinação, as línguas contam com outro tipo de processo de formação de palavras que, diferentemente da justaposição e parecida com aglutinação, caracteriza-se pela perda de material fonético de pelo menos uma das bases da composição. O que separa a aglutinação dessa operação morfológica é que há uma sobreposição que abrange a sílaba, enquanto a aglutinação, até onde se sabe, suprime um segmento por meio da elisão ou por sândi.

Na literatura, o fenômeno se apresenta sob diversas denominações, tais como: “Cruzamento vocabular (SANDMANN, 1989; 1992; 1993; HENRIQUES, 2007; BASÍLIO, 2003), *Blend* (GONÇALVES, 2003a; 2003b), Palavra-Valise (ALVES, 1994), Mistura (SÂNDALO, 2005), Amálgama (AZEREDO, 2000; MONTEIRO, 2002); Fusão vocabular (BASÍLIO, 2005, 2010)” (ANDRADE; RONDININI, 2016, p. 873) e *portmanteau* (PIÑEROS, 2000, 2002; ARAÚJO, 2000), sendo esse último termo aquele que será adotado no presente trabalho. A razão da nossa escolha pelo termo é dada à origem da palavra que iniciou com o autor inglês do século XIX, Lewis Carroll, que o “cunhou ao procurar explicar algumas das palavras que ele próprio construiu e usou como artifício literário” (AUGUSTO, 2009, p. 16).

Além do fato de esse ser um termo com bastante registro nos trabalhos linguísticos no que tange a trabalhos na área da Morfologia.

Para Villalva (2007), o processo de composição de palavras com perda de material fonético é um tipo especial de justaposição que resulta do processo da amalgamação, em que uma base se junta a outra base “numa combinação aleatória de segmentos” (VILLALVA, 2007, p. 47) como pode ser observado em (01)

(01)	
fidalgo	filho + de + algo
você (vossemecê, vomecê)	vossa + mercê

Fonte: Villalva (2007, p. 47)

A autora também acentua que outras combinações são possíveis e que são plenamente agregadas no português como em 02a, bem como em outras línguas, como o inglês 02b:

(02)	
a. Analfabrito	analfabeto + bruto
Camurso	camelo + urso
Nim	não + sim
Franglês	francês + inglês
b. modem	Modulatoremodulator
Posat	Portuguesesattelite
Telex	teleprinterexchange

Fonte: Villalva (2007, p. 47).

Há, também, palavras que podem ser formadas, por esse processo, através de neologismos “mais ou menos familiares e mais ou menos efêmeros” (VILLALVA, 2007, p. 47), como em 03 e podem ser utilizados para criação de nomes de empresas 04:

(03)

Barrigordo
Bebemorar
Borbotixa
Catastrófica
Showmício

barrigudo + gordo
beber + comemorar
borboleta + lagartixa
catástrofe + perestróica
show + comício

(04)

Petrogal
Portucel

petróleo + Portugal
Portugal + celulose

Fonte: Villalva (2007, p. 47)

Além disso, de acordo com Villalva (2007), a amálgama é uma estratégia bastante usada por alguns autores da literatura, a exemplos de obras de Cesariny, Sena e Mia Couto como em 05:

(05)

Diamantermita
Insinuência
Nadáguas
Vigilentos

diamante + térmita
insinuação + insolência
nádegas + águas
vigilantes + lentos

Fonte: Villalva (2007, p. 48)

A autora ainda explicita que outras formas podem gerar amálgama a partir de empréstimos de outras línguas:

(06)

Freguês
Cyborg
Metrossexual

filius + ecclesiae
cibernética + organismo
metropolitan + heterossexual

Fonte: Villalva (2007, p. 48).

Por outro lado, Araújo (2000) apresenta o *portmanteau* como um “processo de formação de palavras por composição” (ARAÚJO, 2000, p. 5), sendo resultante do processo de amálgama entre duas formas existentes numa nova com “dois significados embrulhados em uma só palavra” (ARAÚJO, 2000, p. 5), como pode ser visto em 7:

(07) marinoivo

marido + noivo

Fonte: Araújo (2000, p. 20)

Como observado em 07, a palavra é sobreposta ou concatenada (ocorre também em 01, 02, 03, 04, 05 e 06) e perde, segundo Araújo (2000), material segmental (elementos fonológicos ou silábicos), o que propicia a formação de uma nova palavra. Além disso, ele argumenta que

essas palavras podem manter “as características prosódicas dos elementos componentes à direita ou à esquerda” (ARAÚJO, 2000, p. 6) e apresenta exemplo no português

(08)

Vampiro	componente 1
Vampeta	Portmanteau
Capeta	componente 2

Fonte: Araújo (2000, p. 6).

Araújo (2000) também afirma que este processo é produtivo e atestado interlinguisticamente, inclusive no Português do Brasil (PB) e que a composição *portmanteau* é recorrente em diversas línguas e suas características são basicamente as mesmas tanto no português, como em outras línguas, a exemplo do inglês, espanhol ou hebraico. É por esse motivo que não há como colocar esse tipo de composição num lugar específico ou especial na morfologia (ARAÚJO, 2000).

Bat-El (1996), ao estudar os *portmanteaux* (a autora refere-se ao termo *blend*) do hebraico, chegou à conclusão de que *blends*, por envolverem subtração, em que o material subtraído das bases não é um constituinte, seja fonológico ou morfológico, não têm a estrutura morfológica interna do tipo encontrado em palavras afixadas, como pode ser visto em 09

(09)

		ARTIGO DEFINIDO	PLURAL
<i>Fala padrão</i>	ʔorèxdín	ʔorèx há-dín	ʔorx-èydín
<i>Fala coloquial</i>	ʔòrex dín	Há-ʔòrex dín	ʔòrecdín-im

Adaptado de BAT-EL (1996, p. 286).

Bat-el (1996) defende que na fala coloquial,

o artigo definido pode ser anexado à borda esquerda do composto e o sufixo plural à borda direita. No entanto, a distinção entre *blends* e compostos permanece, uma vez que apenas compostos, mas não *blends*, permitem as duas opções. Por exemplo, o composto *ʔorèxdín* ‘lawyer’ (arranger+law) tem as características de um *blend* na fala coloquial em relação a três propriedades: artigo definido, sufixo plural e tonicidade (BAT-EL, 1996, p. 286).

A autora assume, portanto, que a estrutura interna das palavras afixadas pode ser frequentemente reconhecida pela identificação da borda dos formatos e que esta estratégia não se aplica aos *blends*, em que as bordas internas dos elementos são reduzidas devido à subtração.

Bat-El (1996) analisou os *blends* do hebraico à luz da Teoria da Otimidade, e os considerou como uma abordagem mista, pois, segundo ela, pressupõe-se que quando as palavras se combinam, haverá uma consoante que terá algum correspondente de *input* em *output* em ambas as bases e que, ao mesmo tempo, serão removidas as consoantes do *output* que não estão no *input*, pois determinados segmentos não são atribuídos a um correspondente de *output*.

Segundo a autora, um tipo de candidato consistentemente ignorado é aquele em que o candidato é idêntico a um dos elementos da base. Para isso, atribui “uma restrição absolutamente inviolável, chamada UNIQUENESS” (BAT-EL, 1996, p. 288), que designa que um *blend* deve ser fonologicamente distinto de cada um de seus elementos da base, como visto em (10)

(10)

<i>Elementos da base</i>	<i>Blend ótimo</i>	<i>Blend absolutamente mal formado</i>
sukarya, ?ugiya galgal, galac	su<karya•?u>giya gal<gal•>galac	*?ugi<ya•sukar>ya *gal<ac•gal>gal

Fonte: Adaptado de BAT-EL (1996, p. 288).

Em (10), a restrição UNIQUENESS elimina os candidatos na coluna mais à direita (BAT-EL, 1996).

Ainda dentro do contexto dessa operação morfológica, Piñeros (2002) define o *portmanteau* na forma resultante entre a combinação de duas ou mais palavras a que o falante associa em sua mente, não porque elas pareçam adjacentes na cadeia da fala, segundo ele, mas porque têm alguma propriedade em comum. Esse argumento é interessante, pois corrobora com o argumento de Araújo (2000) de que os *portmanteaux* apresentam dois significados embrulhados em apenas uma palavra.

Piñeros (2002) desenvolveu uma análise dos padrões apresentados pelo *portmanteau* do espanhol, o que denota que o processo é produtivo em outras línguas, observando que as criações do fenômeno, nessa língua, não são ocasionados de acordo com os mesmos princípios que regem a morfologia gramatical.

Ele argumenta que a propriedade compartilhada pode ser por um morfema em comum, em (11a), ter sons semelhantes, como em (11b), e/ou ter significados semelhantes, em (11c)

(11)

- a. [repartir] Distribuir
 [kompartir] compartilhar
 [impartir] Transmitir
- b. [repartir]
 [resarsir] compensar
 [rebertir] reverter
- c. [repartir]
 [entregar]
 [dar]

Fonte: Adaptado de Piñeros (2002, p. 6).

No entanto, o autor argumenta que, muitas vezes, a ligação que une as palavras-fonte de um *portmanteau* não é “necessariamente uma semelhança, mas uma inteligente associação semântica que o falante estabelece entre elas em sua mente.” Ele usa exemplos coletados em Bogotá, capital da Colômbia, para atestar sua afirmação.

(12) *Portmanteaux Espanhóis*

Adaptado de Piñeros (2002, p. 6)

TRADUÇÃO LIVRE

Lóka	+	Kolómbja	Lokómbja	
‘louca’		‘Colombia’	‘crazy Colombia’	louca Colômbia
brúxa	+	muxéres	bruxéres	
‘bruxa’		Mulheres	‘mean women’	Mulheres bruxas
ladrón	+	Makdónals	ladrónals	
‘ladrão’		McDonald’s	‘McDonald’s as a rip-off’	Ladrão da McDonald’s
Pánsa	+	Sàntaklós	Pànsaklós	
‘barriga’		‘papai Noel’	‘potbellied Santa Clause’	papai Noel barrigudo

Piñeros (2002) discute que a motivação por trás da referência aos *blends* associativos como *portmanteaux* é que eles juntam duas ou mais palavras dentro de uma estrutura de apenas uma delas. “Esse tipo de *blend* é ocasionado pela sobreposição de toda a estrutura de uma das palavras-fonte sobre a estrutura da outra” (PIÑEROS, 2002, p. 7). Ele também diz que

como consequência disso, os portmanteaus apresentam uma forte tendência em replicar a estrutura de uma de suas palavras-fonte, como é evidenciado pelo fato de que a maioria dos portmanteaus tem o mesmo número de sílabas e

seguem o mesmo padrão de tonicidade de uma de suas palavras-fonte (PIÑEROS, 2002, p. 7).

Outra consequência de sobrepor uma palavra-fonte à estrutura da outra é que, segundo Piñeros (2002), a subsequência segmentar que o *portmanteau* parece não possuir de uma das palavras-fonte, corresponde exatamente ao tamanho da outra, como se a palavra estivesse cobrindo ou escondendo parte da estrutura da outra palavra.

Portmanteaux, por vezes, podem possibilitar a ocorrência do fenômeno da haplologia, já que operam com o processo de sobreposição de bases. Essa sobreposição pode propiciar a ocorrência do fenômeno que apresenta, como característica, o desaparecimento de sílabas contíguas iguais ou semelhantes. Na próxima seção, faremos uma discussão sobre o fenômeno fonológico da haplologia, objeto principal desta dissertação.

2.2 O fenômeno da haplologia

Mattoso (1986, p.134) define a haplologia, em fronteira de morfema, como um processo morfofonêmico que advém da composição ou derivação e que consiste na supressão de uma sílaba, sobretudo entre duas sílabas iguais e contíguas, como nos casos das palavras *semínima*, em vez de **semimínima*, e *Candinha*, em vez de **Candidinha*. Nota-se que há a supressão de uma sílaba no meio do vocábulo.

Crystal (2000, p.137), por sua vez, afirma que a haplologia é um termo da fonologia que indica a “omissão de alguns dos sons que ocorrem em uma sequência de ARTICULAÇÕES semelhantes”. Isso é observado em palavras como *tragicômico*, formada de *trágico* + *cômico*. Há identidade nas sílabas /ko/ (da primeira base) + /ko/ (da segunda base) e elas se fundem, no nível fonético, permitindo uma melhor manutenção de ritmo na fala.

O dicionário de Houaiss (2009, p. 1005), ainda, descreve que a haplologia ocorre no interior do vocábulo, sendo assim, uma alteração linguística que consiste na supressão de uma de duas sílabas iguais ou semelhantes, contíguas, como *idolatria* por *idololatria*. Afirma também que pode ocorrer no encontro de duas palavras formando um sintagma, quando há a supressão da última sílaba da palavra anterior, caso esta seja igual ou semelhante à sílaba inicial da palavra seguinte: [libeydadʒja'sẽw] por *liberdade de ação*.

Prado (2010) afirma que é possível notar ponderações sobre trabalhos atuais, no que tange ao PB, que apontam que a haplologia pode ser sintática; além disso, segundo ela, alguns autores (ALKIMIM; GOMES, 1982; TENANI, 2002 por exemplo) consideram que este

fenômeno pode ocorrer também entre sílabas com alguma semelhança e não necessariamente idênticas, como pode ser visto em (13)

(13) Leite **de** coco.

Fonte: Alkimim e Gomes (1982, p. 48).

Alkimim e Gomes (1982) afirmam que as consoantes /t/ e /d/ têm traços iguais, exceto de [sonoridade] e, por isso, permitem que haja ocorrência do processo, uma vez que há uma determinada semelhança entre as sílabas, mas não são idênticas.

As autoras discutem, no português, quais as restrições que estão envolvidas no contexto segmental em que a haplologia ocorre. Deixam claro que dois fatores não foram levados em consideração: a velocidade de elocução, como proposto por Harris em 1969 (largo, andante, allegretto, presto) e o papel funcional das palavras, ou seja, “o seu “status” de tópico ou não tópico, de dada ou nova, que causa variações entoacionais” (p. 44) num determinado estilo de fala.

Tenani (2002) também defende que a haplologia pode ser considerada como um processo fonológico em que, numa sequência de duas sílabas semelhantes, há ocorrência da queda da primeira sílaba, caso ambas sílabas sejam átonas e suas consoantes possuam traços [+coronal, - contínuo, - nasal], ou seja, as consoantes /t/ e /d/, e essa distinção entre essas consoantes é que uma é sonora /d/ e a outra é surda /t/. Ela propõe uma análise do fenômeno em sentenças sob os domínios prosódicos e contribui com a regra atribuída por Alkimim e Gomes (1982) de que pode haver variação na ocorrência da haplologia, dependendo do nível prosódico do contexto presente.

Alkimim e Gomes(1982) analisaram o fenômeno com ocorrência de “supressão de sílaba final de uma palavra quando seguida por outra foneticamente semelhante” (p. 48) num contexto de sílaba CV em final de palavra, seguida por sílaba C(C)V, observando-se as vogais e consoantes envolvidas no processo (ALKIMIM; GOMES, 1982), como em (14) e (15)

(14) limite **de** palavra >limi[dZi]palavra

(15) quanto **trabalho** >quan[tRa]balho

Embora tratem de exemplos como em 15, sílaba CCV, as autoras não determinam se o contexto será com /r/ ou /l/ para explicar se este é um fator preponderante na ocorrência do processo.

Alkimim e Gomes (1982) explicam que a haplologia levará, em alguns contextos, a resultados agramaticais, uma vez que as consoantes envolvidas no processo não têm o mesmo ponto de articulação, embora sejam oclusivas, como em 16

(16) **pingo de** leite > *pin[De]leite

As consoantes /g/ e /d/ possuem o mesmo modo de articulação, no entanto, se diferenciam no ponto. Para as autoras, o contexto segmental favorecerá a haplologia se ambas consoantes tiverem o mesmo ponto de articulação em sua forma fonética. Além disso, a igualdade de consoantes envolvidas não é suficiente para a ocorrência da haplologia, como no exemplo 17

(17) **cano novo** > *ca[no]vo

Segundo as autoras, há agramaticalidade em 17, mesmo tendo duas consoantes semelhantes /n + n/. Elas explicam que ocorre apenas a queda da vogal da última palavra, ocasionando o contato de duas consoantes idênticas, que continuam sendo pronunciadas num alongamento da consoante: [k+)̃n:ovu]. E argumentam que “para formular o ambiente da regra de haplologia, é preciso levar em consideração não apenas as consoantes, mas também as vogais das duas sílabas contíguas.” (ALKIMIM; GOMES, 1982, p. 50).

Portanto, segundo elas, o ponto de articulação das consoantes não é suficiente para explicar a ocorrência do processo. Nos dados apresentados, inicialmente, por elas, a ação da haplologia só ocorreu com as consoantes /t/ e /d/ subjacentes.

No entanto, Alkimim e Gomes (1982) discutem que é possível propiciar a haplologia, em alguns contextos segmentais, com consoantes que não possuem o mesmo ponto de articulação como em 18 e 19

(18) **pode falar** > po[fa]lar

(19) **pode brincar** > po[brin]car

Elas argumentam que em 18 e 19 ocorrem a supressão de sílaba por efeito de próclise, uma vez que, para casos de efeitos de uma regra distinta, “só se aplica a certos itens léxicos caracterizados como proclíticos. O mesmo ocorre com deixar (ex.: 's^vo've'deixa eu ver')” (ALKIMIM; GOMES, 1982, p. 50).

Elas também discutem que mesmo que haja um contexto segmental de sílabas com /t/ e /d/ subjacentes para o favorecimento da haplologia, é possível haver agramaticalidade:

(20) comida **da** China > *comi[da]China

(21) gato **tonto** > *ga[ton]to

Segundo elas, não há um ambiente propício para haplologia em 20 e 21, porque é necessário que (i) haja uma especificação no traço da vogal - [+alto] -, e (ii) ambas as sílabas no processo precisam ser átonas. Em 20, a vogal pertencente à sílaba que poderia sofrer a queda, tem o traço [+baixo], por isso, há o bloqueio da haplologia. Em 21, a primeira vogal tem o traço [+alto], porém a segunda é tônica.

A partir disso, elas formalizam uma regra para o processo de haplologia a partir da Fonologia Gerativa Padrão (conforme Chomsky e Halle em 1968):

$$\begin{array}{ccccc}
 (22) & \begin{array}{c} \text{C} \\ \left[\begin{array}{c} + \text{ cor.} \\ - \text{ cont.} \\ - \text{ nasal} \end{array} \right] \\ 1 \end{array} & \begin{array}{c} \text{V} \\ \left[\begin{array}{c} + \text{ alto} \\ - \text{ acento} \end{array} \right] \\ 2 \end{array} & \# & \begin{array}{c} \text{C} \\ \left[\begin{array}{c} + \text{ cor.} \\ - \text{ cont.} \\ - \text{ nasal} \end{array} \right] \\ 3 \end{array} & \left(\begin{array}{c} \text{C} \\ \left[\begin{array}{c} + \text{ soa} \\ - \text{ cont.} \\ - \text{ nasal} \end{array} \right] \\ 4 \end{array} \right) & \begin{array}{c} \text{V} \\ [- \text{ ac}] \\ 5 \end{array} \\
 & \emptyset \emptyset \# 3 (4) 5 & & & & &
 \end{array}$$

Fonte: Alkimim e Gomes (1982, p. 51).

Elas propõem, então, que a queda de sílaba em fronteira de palavras se dará pela “supressão de sílaba com as dentais, exceto a nasal, quando as sílabas envolvidas no processo forem ambas átonas e a primeira vogal tiver o traço [+ alto]” (ALKIMIM; GOMES, 1982, p. 51). Portanto, elas afirmam que para ocorrer a haplologia deve-se, necessariamente, haver a queda da sílaba e não apenas da vogal.

Tenani (2002) avalia situações em que a sílaba que, possivelmente, cairia, aparece juntamente de uma palavra que tenha uma sílaba tônica no contexto segmental. Ela elaborou um experimento constituído por sentenças em que uma das sílabas sujeita à haplologia é tônica e levou em consideração um mesmo contexto suprasegmental e uma mesma estrutura prosódica, conforme descreve a tabela 1

Tabela 1 – Haplologia e tonicidade

Sentenças	Estrutura prosódica	Estrutura rítmica	Queda da V ₁	Queda da σ_1	% de Haplol.
a. A autoriDA <u>de</u> <u>di</u> TOU regras à polícia.	$\phi+\phi$	... $\sigma \sigma \# \sigma \sigma$	3	3	50
b. A autoriDA <u>de</u> <u>DI</u> ta regras à polícia.	$\phi+\phi$	... $\sigma \sigma \# \sigma \sigma$	2	3	50
c. O diDI <u>di</u> TOU_regras à polícia.	$\phi+\phi$	$\sigma \sigma \# \sigma \sigma$	0	0	0

Fonte: Tenani (2002, p. 141).

A ocorrência da haplologia pode ser observada nos dois primeiros exemplos, uma vez que em (1a) as sílabas envolvidas no contexto segmental do processo são átonas, em (1b) só a primeira sílaba é átona. Em (1c) a primeira sílaba envolvida na haplologia é que tem tonicidade. Segundo Tenani (2002, p. 141), “o bloqueio se verifica quando for tônica a primeira sílaba sujeita à haplologia”. Ela argumenta que dada a igualdade do contexto segmental e da estrutura prosódica com relação aos contextos em que as sílabas são ambas átonas ou somente a segunda acentuada, pode-se concluir que “o bloqueio encontrado é motivado pela tonicidade da primeira sílaba do contexto de sândi” (TENANI, 2002, p. 141).

Bisol (2000) apresenta a haplologia, considerando o aspecto rítmico da língua. A autora argumenta que o fenômeno fonológico pode evidenciar o tipo de ritmo do PB. Sendo assim, ela defende que o português brasileiro seja uma língua de ritmo silábico, contrariando a hipótese de que o Português seja uma língua de ritmo acentual (CAGLIARI, 2007).

A autora argumenta que a haplologia pode ocorrer a partir de um troqueu moraico, no que tange ao ritmo acentual, assim, confirma sua proposição de que o PB é uma língua de ritmo acentual ou silábico. Nesse sentido, o tempo (mora) para cada segmento favorece para a colocação de acento. Bisol (2000) discute também que, por vezes, a haplologia pode ser resultante na produção de um troqueu silábico, confirmando, portanto, o ritmo silábico. Então, respalda-se na fonologia não-linear para discutir a questão de redução nas palavras *fósforo* e *abóbora*,

e fiquemos com a redução, pois que uma e outra têm o mesmo domínio e o mesmo contexto. Duas regras são necessárias se moras forem contadas, pois seriam delineadas estruturas métricas diferentes para *fósforo* e *abóbora*, por exemplo, em virtude de a primeira possuir uma sílaba pesada acentuada e a segunda uma sílaba leve. Admitindo-se a extrametricidade para classes de exceção como as proparoxítonas, a última sílaba não seria vista pelas regras de acento que formam pés binários da direita para a esquerda (BISOL, 2000, p. 405).

Bisol (2000) argumenta que essas duas palavras têm distinções de pés métricos, pois em *fósforo* a sílaba acentuada é proparoxítona e também tem uma sílaba pesada, diferentemente, de *abóbora* que, embora tenha uma sílaba proparoxítona, tem uma sílaba leve. Observe o esquema proposto por Bisol (2000) em 23

(23)

a. fOs.fo.ro
(x) $\sigma <\sigma>$
|
V
/ \
[+ab2]

b. a.bO. bo. Ra
(x.) $<\sigma>$
|
V
/ \
[+ab2]

Fonte: Bisol (2000, p. 405)

Bisol (2000) explica que as sílabas finais, *roe ra*, contadas da direita para a esquerda, não podem ser analisadas por regras de acento, por isso, a autora usa o conceito de extrametricidade, ou seja, não são contabilizadas na aplicação da regra de acento. É por esse motivo que, segundo Bisol (2000, p. 407), “quando se escande a palavra em pés binários, silábicos, de cabeça à esquerda, fica explicitado o pé métrico como domínio de aplicação desta regra”, pois elemento fraco sempre, apto de redução ou apagamento, incidirá nesta posição.

A posição da autora sobre a haplologia é defendida a partir de Sá Nogueira (1958). Ela argumenta que o fenômeno pode ser observado de duas partes: “síncope da vogal seguida de geminação de duas consoantes que podem fundir-se ou não” (BISOL, 2000, p. 409).

Ela apresenta, em 24, dados do PB para confirmar a presença das regras e dispõe de frases com síncope da vogal e reforço da sílaba precedente, bem como o resultado final da haplologia com o ajustamento das sílabas a uma só palavra, sem precisar do esforço

(24)

a. O macaco *comeu* todas as bananas
(ma.kakko. Mew> ma.ka.ko.mew)

b. O pato *tomava* água no açude
(pat. to.ma.va > patomava)

Fonte: Bisol (2000, p. 409).

Nos exemplos, é possível observar que há contexto segmental para a ocorrência da haplologia, presentes nas sílabas /ko/, em (24a) e em /to/, em (24b). Bisol (2000), então, explica que os exemplos estão de acordo com as etapas do fenômeno, discutidas anteriormente: elisão da vogal e fusão de duas consoantes. Sendo assim, ela discute que, de um lado, há a síncope da vogal, direcionando para o ritmo acentual, uma vez que reforça com a inserção de um segmento a sílaba precedente, “portadora de um dos acentos secundários da frase” (BISOL, 2000, p. 409); de outro, está a haplologia completa, que direciona para o ritmo silábico ao reorganizar as sílabas num grupo de unidades de duração semelhantes nas posições que antecedem o acento final. Ela defende, portanto, que se tem um indicativo do caráter misto do ritmo da nossa língua, já que há “a presença na fala dos resultados das duas facetas do processo” (BISOL, 2000, p. 409).

Em Battisti (2005), tem-se a análise da haplologia observada no sul do Brasil, considerando o processo tanto em sílabas com vogais iguais, quanto distintas como em 14a,b

(25)

- | | |
|-----------------------------|----------------------------------|
| a. Sílabas com mesma V: | <i>vontade<u>de</u> conhecer</i> |
| b. Sílabas com diferente V: | <i>jeitode<u>de</u> ser</i> |

Fonte: Battisti (2005, p. 78).

A autora propõe uma análise para a haplologia, levando em consideração sua natureza: se é degeminação ou apagamento (BATTISTI, 2004), pois, segundo ela, o fenômeno aplica regras rígidas e os estudos anteriores se preocuparam só com o desaparecimento do material fonológico, isto é, o seu contexto de aplicação. Ela ainda discute que a haplologia permeia por dois processos: a queda da vogal e a geminação de duas consoantes que se minimizam em apenas uma. Para ela, então, a haplologia é o apagamento da vogal e geminação da consoante. Battisti (2005) afirma, sob a ótica da Teoria da Otimidade e respaldada em Bisol (2000), que a haplologia sintática não é um fenômeno com natureza de coalescência e sim de natureza de apagamento.

Nesta dissertação, como dito anteriormente, propomos uma análise da haplologia, no âmbito da morfologia, sob o viés da Teoria da Otimidade, apresentada na seção seguinte, para compreender melhor quais são as restrições envolvidas no funcionamento desse fenômeno.

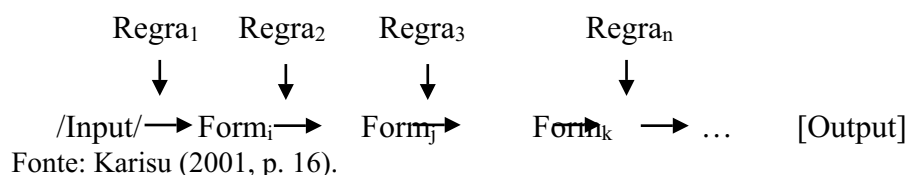
3 TEORIA DA OTIMIDADE

A Teoria da Otimidade, doravante OT (do inglês *Optimality Theory*), foi desenvolvida por Prince e Smolensky (1993) e McCarthy e Prince (1993). Sob cunho gerativista, uma vez que leva em conta seu foco na descrição formal e na busca por universais (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2017), trata-se de um modelo teórico pautado em restrições universais e a hierarquização dessas restrições compõe a estrutura linguística particular de cada língua. Ainda, segundo Schwindt (2005):

Trata-se de um desenvolvimento da Gramática Gerativa, no sentido de centrar seu interesse na descrição formal e de buscar universais linguísticos, ainda que a natureza e o funcionamento da Gramática Universal (GU) assumam contornos substancialmente diferentes dos preconizados pelos modelos anteriores (SCHWINDT, 2005, p. 257).

O propósito elementar da OT consiste em interações de restrição e violabilidade de restrições. Segundo Karisu (2001), as teorias fonológicas gerativistas anteriores veem a produção do *output* como resultado da aplicação de uma série de regras a um dado *input*. Tais modelos derivacionais mantêm o serialismo de *input*, passando por várias representações intermediárias, conforme esquema abaixo

(26) Teoria Derivacional



O autor argumenta que a OT se afasta dos modelos anteriores derivacionais em diversos aspectos. Primeiro, porque a gramática da OT não contém regras ou estratégias de reparo. Em vez disso, a essência que produz os resultados na teoria são as restrições universais. Segundo, porque a produção de *output* é paralela na OT, o que implica dizer que não há representação intermediária entre o *input* e o *output* e, terceiro, porque as restrições são, segundo suas palavras, potencialmente, todas violáveis e, inclusive, o *output* final pode violá-las.

Em suma, nessas outras bases teóricas, as propostas são baseadas em princípios não-violáveis, ou seja, uma infração indica agramaticalidade. No entanto, na OT, as restrições são violáveis, o que justifica a não implicação de agramaticalidade.

Cada língua natural, segundo a OT, resulta em um *ranking* a partir de um conjunto de restrições hierarquizadas. Tais restrições são consideradas universais, isto é, são identificáveis em qualquer língua natural. A mudança entre as línguas está centrada na ordem de suas hierarquizações.

Nas próximas subseções, apresentaremos as propriedades e os mecanismos responsáveis pela composição da OT.

3.1 Propriedades da OT

Aqui, apresentaremos as premissas básicas e fundamentais da OT, a saber: universalidade, violabilidade, hierarquização, inclusividade e paralelismo.

3.1.1 Universalidade

Esta propriedade incide num conjunto de restrições, que são universais, validadas em qualquer língua. É necessário que esteja presente na hierarquização da GU. Assim sendo, a OT, por meio dessa premissa, propõe análises de restrições que estejam presentes em qualquer língua natural. A distinção é concebida através da ordem particular dessas restrições, o que torna possível a diferenciação das línguas. Em outras palavras, todas as restrições precisam estar presentes em todas as gramáticas, embora algumas dessas restrições possam não ocasionar implicações significativas em determinadas estruturas linguísticas devido ao seu baixo ordenamento. É importante frisar que, em decorrência da generalização e das diferentes maneiras com que é usado o termo ‘restrição’, a OT considera tal mecanismo do mesmo modo como ‘regras’, ‘condições’, ‘parâmetros’ e ‘princípios’ (COLLISCHONN; SCHWINDT, 2003).

3.1.2 Violabilidade

Esta premissa caracteriza-se pela violação de restrições universais responsáveis pela avaliação de candidatos. É importante salientar que quando se viola uma restrição, não há implicação agramatical (MCCARTHY, 2002). A violação, também, não acontece por acaso, pois violar uma restrição explica a satisfação de uma outra mais prestigiada na hierarquia de uma determinada língua. McCarthy (2002) explica que o *output*, geralmente, desobedece, pelo menos, a uma das restrições mais baixas da hierarquia, uma vez que as restrições são violáveis.

Nesse sentido, um candidato pode ser considerado ótimo, mesmo violando restrições, desde que infrinja o mínimo possível em relação aos outros candidatos. Por meio desta propriedade, a OT presume que não há perfeição e sim sobre ser o candidato que melhor satisfaz entre uma escolha de opções (MCCARTHY, 2002).

3.1.3 Hierarquização

As diferentes hierarquizações, consideradas também como as gramáticas particulares, são aplicadas ao conjunto universal de restrições. Assim, infere-se que a hierarquização explica a violação das restrições, pois a hierarquia é o que caracteriza a gramática de uma língua.

Nesse sentido, é possível afirmar que a forma como um *ranking* de restrições é organizado varia em detrimento de cada língua natural, o que justifica a aceitação da violação como estratégia de transformar regras em restrições que se apliquem a todo tipo de estrutura linguística. Diferentemente do que ocorre em outros modelos teóricos que não abordam a noção de hierarquização.

Portanto, a característica que implica na mudança da hierarquização das restrições universais será a diferença entre as estruturas. Nas palavras de McCarthy (2002), um *ranking* de restrição específico será a gramática de uma dada língua. Para melhor explicar o funcionamento e a distinção entre as línguas, será, segundo ele, o *ranking* de uma língua natural.

3.1.4 Inclusividade

A inclusividade é uma propriedade que trata do conjunto de análises candidatas, isto é, que contém expressões linguísticas passíveis e possíveis de serem avaliadas como candidatos ótimos. Schwindt (2005, p. 260) afirma que “a geração de candidatos deve ser suficientemente restrita de forma a não produzir expressões ou análises que não respeitem propriedades gerais de boa-formação”. Ou seja, a hierarquia de restrições avalia as análises candidatas que são admitidas por considerações muito genéricas sobre boa-formação estrutural. Grosso modo, “não há regras específicas ou estratégias de reparo com descrições estruturais específicas ou com mudanças estruturais conectadas a restrições específicas” (BONILHA, 2003, p. 16).

3.1.5 Paralelismo

A partir do paralelismo é possível fazer a escolha de um candidato ótimo, através de uma avaliação realizada em paralelo a todos os candidatos e todo o *ranking* de restrições. Schwindt (2005) argumenta que:

Não há, portanto, na análise em TO, níveis intermediários ou ciclos derivacionais. Embora, interajam e estejam em conflito, sendo analisadas em paralelo, as restrições não atuam em bloco: cada restrição avalia os candidatos independentemente das demais. Dessa forma, o resultado da avaliação por uma restrição não condiciona o resultado da avaliação por outra restrição (SCHWINDT, 2005, p. 261).

Desse modo, segundo Schwindt (2005), por não recorrer a níveis intermediários de representação, é o que torna a OT um modelo representacional, pois “se opõem diametralmente às teorias que a antecederam, no sentido de não conceber derivacionismo” (SCHWINDT, 2005, p. 261). Sendo assim, o paralelismo não resulta no condicionamento de uma restrição com relação a outra restrição. Embora estejam conflitando entre si, a avaliação do candidato é feita por uma restrição sem, necessariamente, depender das outras restrições.

Por meio desta premissa, os candidatos são organizados num instrumento utilizado pela OT, denominado *tableau* (esquema utilizado para análise das restrições, sobre o qual discutiremos melhor mais adiante), onde são analisados todos os candidatos, concomitantemente, a partir de cada uma das restrições. Sendo assim, considera-se toda a hierarquia e todo o quadro de candidatos para avaliar o candidato que melhor satisfaz na hierarquia de restrições.

3.2 O funcionamento dos instrumentos da OT

A gramática da OT sugere uma análise paralelística, possibilitando uma avaliação de formas a partir de uma hierarquização de restrições. Seu funcionamento, então, promove um pareamento entre as formas de *input* e formas de *output* (SCHWINDT, 2005). Assim, a teoria recorre aos mecanismos de GEN (generator) e EVAL (evaluator). A partir do LÉXICO (do inglês *LEXICON*) de um *input*, GEN gera um conjunto de candidatos viáveis a *output*. Em EVAL, possíveis candidatos são comparados e avaliados conforme as restrições em CON (constraints). Esses mecanismos foram formalizados por Prince e Smolensky (1993) na gramática da OT

(27)

$$\text{Gen}(\text{input}_i) = \{\text{cand}_1, \text{cand}_2 \dots \text{cand}_n\}$$

$$\text{Eval}(\{\text{cand}_1, \text{cand}_2 \dots \text{cand}_n\}) \rightarrow \text{cand}_k (\text{output real})$$

Fonte: Adaptado de Prince e Smolensky (1993, p. 4).

Schwindt (2005) ainda explica que esses mecanismos/componentes estão presentes em todas as línguas, porém o conteúdo do léxico e, conseqüentemente, o produto em GEN e a hierarquia usada por EVAL, são de uma determinada língua particular.

A seguir, apresentaremos e discutiremos acerca desses componentes com base em Schwindt (2005).

3.2.1 *Léxico*

O léxico, denominado por Schwindt (2005) como o inventário lexical, trata de todas as possibilidades de itens lexicais de que dispõe uma língua. Nele contém particularizações na forma subjacente de morfemas, constituindo o *input*. Sendo assim, “essas especificações serão submetidas a GEN, para que os candidatos também sejam gerados dentro das condições de boa-formação da língua” (SCHWINDT, 2005, p. 262). Tais especificações existem a partir de representações, como os morfemas de língua particular – raízes e afixos, por exemplo –, que estarão acompanhados de propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, segundo Schwindt (2005).

Um exemplo interessante de propriedade da OT é a Riqueza da Base em que estabelece que nenhuma restrição caia sobre a forma subjacente. “Em outras palavras, não pode haver proibição sobre determinados segmentos ou determinadas propriedades prosódicas na base” (SCHWINDT, 2005, p. 262), e, neste caso, a base pode ser interpretada como o *input*.

3.2.2 *GEN*

GEN, o gerador, responsabiliza-se em gerar formas candidatas a *outputs* a partir de um *input* específico. Ou seja, possibilita a geração de expressões linguísticas que comporão os candidatos que serão avaliados:

(28)

Input /past-a/

C₁ pas.ta
 C₂ pa.sta
 C₃ paø.ta
 C₄ pa.se.ta

Fonte: Schwindt (2005 p. 262).

Em 28, observa-se que os quatro candidatos são possíveis em *output* para o *input*: /past-a/, pois são expressões que remetem a domínios fonológicos conhecidos. Nota-se que os quatro candidatos são passíveis de uma análise linguística, uma vez que circunscrevem a hipóteses possíveis em relação à sua constituição (SCHWINDT, 2005).

Para Prince e Smolensky (1993, p. 21), há três princípios que regem GEN: **Liberdade de Análise**, em que qualquer quantidade de estrutura linguística pode ser postulada; **Contenção** em que nenhum elemento pode ser literalmente removido da forma de input. O input está, pelo menos, contido em todos candidatos a *output*; e **Consistência de Exponência**, em que nenhuma mudança na exponência de um morfema fonologicamente especificado é permitida.

GEN, portanto, é compreendido como um componente universal, enquanto os candidatos são entendidos como objetos de uma língua particular (SCHWINDT, 2005).

3.2.3 CON

CON é o componente que representa o conjunto universal de restrições violáveis. Cada língua apresenta seu próprio *ranking* de restrições, sendo o único fato na gramática que é de língua particular. Sendo assim, a posição de cada restrição em relação a outra na hierarquia de língua particular é que varia de língua para língua (SCHWINDT, 2005).

As restrições são compostas em tipos de marcação e de fidelidade. Para explicar melhor a restrição de marcação, Schwindt (2005) apresenta uma ilustração:

- (29) ONSET: sílabas contêm ataques.
- (30) PEAK: sílabas contêm uma vogal no núcleo.
- (31) NOCODA: sílabas não contêm codas.

Fonte: Schwindt (2005 p. 262).

Estes três exemplos de restrições de marcação refletem a um padrão CV comum a estruturas de sílabas de toda língua natural no mundo. Porém, apesar de pertencer a um padrão genérico, essas restrições, segundo Schwindt (2005), “precisam ser violáveis já que muitas línguas têm sílabas sem ataque e/ou sem coda” (p. 266), como é o caso do português.

De acordo com Schwindt (2005), as restrições de marcação deverão se reverberar também em padrões menos gerais. Para elucidar melhor esse argumento, o autor discute sobre a característica de coda no português *versus* uma característica da coda do inglês ainda na esfera da estrutura da sílaba. Explica que

Em português, oclusivas são evitadas em posição de coda, sendo, muitas vezes, reparadas por epêntese (e.g. ca.pi.tar). Em inglês, ao contrário, codas fechadas por oclusivas são bastante comuns (e. g. cap.tion), sem necessidade de nenhum tipo de reparo (SCHWINDT, 2005, p. 267).

Para ele, o importante é que toda restrição seja universal, independentemente da sua constante ocorrência nas línguas no mundo, no que tange ao ponto de vista formal em OT. As marcações dessas restrições serão feitas a partir da particularidade de cada língua.

As restrições de fidelidade, por sua vez, exigem a manutenção das propriedades dos candidatos em *output* que estejam em *input* ou estrutura subjacente. Essas restrições podem ser:

(32) MAX-IO: militam contra o apagamento.

(33) DEP-IO militam contra a epêntese.

Fonte: Alves (2004, p. 110).

Essas restrições são importantes, pois impedem distinções desnecessárias entre *input* e *output*.

3.2.4 EVAL

EVAL responsabiliza-se pela avaliação de um conjunto de candidatos, criados por GEN, selecionando o candidato ótimo. Ou seja, “recebe a série de candidatos de GEN, avalia-os usando alguma hierarquia de restrição e seleciona seu membro mais harmônico ou ótimo para ser o output da gramática” (MCCARTHY, 2007, p. 4). Considerado, então, como o componente central da OT e das restrições que põe em ordem os candidatos da série inteira (PRINCE; SMOLENSKY, 1993). O candidato ótimo, selecionado por EVAL, pode apresentar alguma restrição, desde que viole o mínimo possível, ou o que melhor satisfaz, na hierarquia, como aponta Schwindt (2005):

EVAL procura o candidato que melhor satisfaz o ranqueamento das restrições. *Melhor satisfaz* é sinônimo de *viola minimamente*, e pode ser definido como

tolerância à violação porque há outra restrição mais alta do que esta na hierarquia sendo satisfeita. (SCHWINDT, 2005, p. 270).

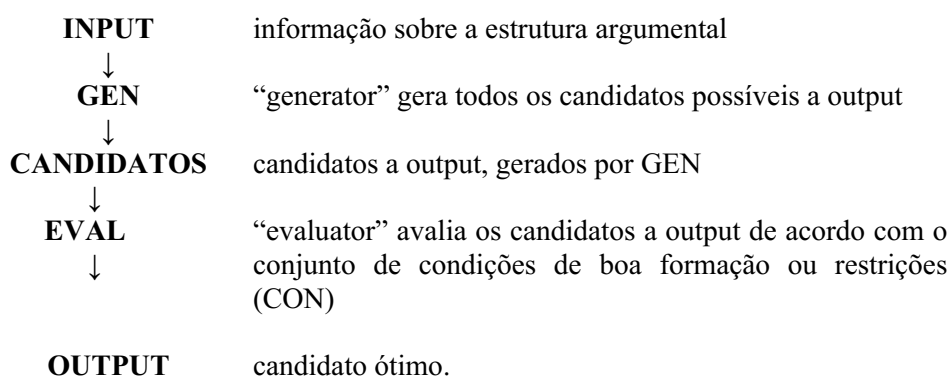
Para esclarecer a função de EVAL, McCarthy (2002) apresenta uma hierarquia H de restrições para uma língua. A OT chama essa função, usando H para selecionar o item mais harmônico de um conjunto de candidatos que apresenta clareza numa relação de dominância (representada pelo símbolo “>”). EVAL generaliza a comparação de pares a séries maiores de candidatos. Sendo assim, a escolha pelo item mais harmônico, isto é, o verdadeiro *output*, no topo da hierarquia, é tida através do retorno da série de candidatos como uma ordem parcial.

É possível que ainda ocorra situações de aparente empate. Segundo Schwindt (2005), pode haver outras situações em que uma restrição seja igualmente violada pelos candidatos em competição ou não é violada por nenhum deles. Nesse sentido, McCarthy (2002) discute que não se tem garantia de que EVAL regressará toda vez para um único item mais harmônico na série de candidatos. Ele presume que dois candidatos impliquem em marcas de restrições iguais de todas as restrições.

3.3 Arquitetura básica da OT

Em 34, há uma representação dos mecanismos universais da arquitetura básica da OT:

(34)



Fonte: McCarthy (2002, p. 10).

Pela arquitetura, podemos observar que GEN, a partir de um *input*, gera um conjunto de candidatos possíveis em *output*. EVAL, então, avalia a hierarquia de restrições da língua particular com as restrições em CON.

3.4 Representação

Suponhamos uma ilustração de um exemplo no português com base nas restrições estabelecida em (05) NOCODA, antecedida pela restrição em 09:

(35) NOCOMPLEX^{onset}: *onsets* silábicos não contêm mais do que uma consoante.

É possível ver a análise da escolha do candidato ótimo por meio do *tableau*, “termo francês empregado para designar tabelas ou quadros que têm, na horizontal, as restrições devidamente hierarquizadas, e, na vertical, o *input* seguido de candidatos” (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2017, p. 142).

Tableau 1 – NOCOMPLEX^{onset} >> NOCODA

/parto/	NOCOMPLEX ^{onset}	NOCODA
☞ a. par.to		*
b. pa.rto	*!	

Fonte: SCHWINDT; COLLISCHONN (2017, p. 142).

Schwindt e Collischonn (2017) descrevem o *tableau* 1, explicando que na linha superior apresentam-se as restrições, como dito anteriormente, ordenadas da esquerda para a direita, com base na hierarquização do português. A primeira coluna contém os candidatos a serem avaliados na forma de *input*. As colunas seguintes mostram os resultados da avaliação. O candidato eliminado na avaliação é o b, pois viola a restrição mais alta na hierarquia. O asterisco (*) significa uma violação a uma restrição; a combinação *! marca uma violação fatal, violação esta que elimina o candidato da competição. O candidato a viola uma restrição, NOCODA, mas é a violação mais baixa no *ranking*, motivo pelo qual ainda o torna o vencedor. O sinal (☞) aponta o candidato ótimo. Foi o que melhor satisfaz CON e foi gerado como *output*. As linhas cheias mostram a relação de dominância, separando as células que contêm as restrições. Usa-se a linha pontilhada, quando não houver dominância (MCCARTHY, 2002) (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2017). As colunas sombreadas indicam que a violação ali já é irrelevante para a decisão, pois a outra restrição já foi fatalmente violada e que o candidato ótimo já foi escolhido.

Schwindt e Collischonn (2017) ainda explicam que acima do *tableau* há uma linha que indica que há a mesma relação entre as restrições expressas no *tableau*, porém faz-se o uso dos símbolos >> para dominância e , (vírgula) para não dominância.

3.5 Teoria da Correspondência

A Teoria da correspondência, do inglês *Correspondence Theory*, CT (MCCARTHY; PRINCE, 1995), é um desdobramento da OT e foi desenvolvida com o propósito de abarcar os processos morfológicos, uma vez que, tais processos impulsionam a modificação no conteúdo material de raízes e afixos (GONÇALVES, 2005). Esse encadeamento “pode gerar acréscimos, alterações ou apagamentos nas realizações de superfície” (GONÇALVES, 2005, p. 83).

Como já se sabe, em OT, há dois grupos de restrições universais: de fidelidade e de marcação. Em CT, faz-se uso apenas das de fidelidade, uma vez que admitem que duas estruturas ou representações correspondentes sejam idênticas, mantendo-se os padrões silábicos e acentuais de uma língua natural. Restrições de marcação não são importantes para esta teoria, pois violam estruturas ou representações que são fonologicamente marcadas (KURISU, 2001).

McCarthy e Prince (1995) fundamentam que a CT é importante para compreender operações morfológicas, uma vez que amplia a checagem de *input/output* numa relação de correspondência. Em vista disso, Karisu (2001) argumenta que

Quaisquer elementos admissíveis (isto é, segmentais, subsegmentais, suprasegmentais) ficam em correspondência, e a identidade desses elementos é computada em várias dimensões, incluindo input-output (fidelidade-IO), output-output (fidelidade-OO), base-reduplicante (fidelidade-BR) e base-truncamento (fidelidade-BT) (KURISU, 2001, p. 18).

McCarthy e Prince (1995) formulam uma definição de correspondência, envolvendo a relação existente entre esses elementos:

(36) Dadas duas camadas, S_1 e S_2 , correspondência é a relação R dos elementos de S_1 para S_2 . Elementos $\alpha \in S_1$ e $\beta \in S_2$ são considerados correspondentes um do outro sempre que $\alpha R \beta$ (MCCARTHY; PRINCE, 1995, p. 262)

Segundo eles, S_1 e S_2 referem-se a um elemento que pertença a duas dimensões e esta seria uma definição da correspondência de corda. Em outras palavras, “ S_1 e S_2 estabelecem variáveis que podem ser substituídos por I (*Input*) e O (*Output*) ou por qualquer outros domínios que forcem identidade entre formas” (GONÇALVES, 2005, p. 85). Sendo assim, interpreta-se S_1 como uma base (B) em que os processos de reduplicação, truncamento e haplologia podem atuar e S_2 pode ser considerado como o reduplicante (R), a palavra truncada (T) (GONÇALVES, 2005).

Como observado, é preciso que haja uma identidade entre as camadas envolvidas para se trabalhar com relações de correspondência, uma vez que elementos, como os de sub e suprasegmentais, estão envolvidos no processo e a noção de restrições de fidelidade clássica

(MAX e DEP) não são suficientes para explicar relações de correspondência. McCarthy e Prince (1995, pp. 370-372), então, apresentam outras restrições:

- (37) MAX: cada elemento de S_1 tem um correspondente em S_2 .
- (38) DEP: cada elemento de S_2 tem um correspondente em S_1 .
- (39) IDENT-[F]: os segmentos correspondentes possuem o mesmo valor para o traço F.
- (40) CONTIGUIDADE: elementos adjacentes em S_1 correspondem aos elementos adjacentes em S_2 .
- (41) ANCORAGEM (à esquerda ou à direita): todos os elementos da periferia direita/esquerda de S_1 têm um correspondente na periferia exata direita/esquerda de S_2 .
- (42) LINEARIDADE: S_2 deve ser linear com a estrutura idêntica de elementos correspondente em S_1 e vice-versa.
- (43) UNIFORMIDADE: nenhum elemento de S_1 tem múltiplos correspondentes em S_2 .
- (44) INTEGRIDADE: nenhum elemento de S_1 tem múltiplos correspondentes em S_2 .

Essas restrições possibilitam uma melhor análise de processos fonológicos e morfológicos. Além de MAX e DEP, que, como já se sabe, militam contra apagamento e inserção, respectivamente, IDENT-[F] obriga que haja identidade completa de valores característicos correspondentes. A variável [F] pode ser substituída por traços concretos, como [sonoro], [coronal] e [nasal]. CONTIGUIDADE requer que os segmentos de S_1 e S_2 mantenham a mesma sequência de seus elementos correspondentes. ANCORAGEM demanda coincidência total nas periferias de formas relacionadas. LINEARIDADE veta metátese, uma vez que impõe que as relações de precedência em *input* devam ser preservadas em *output*. UNIFORMIDADE e INTEGRIDADE são restrições espelhadas. Militam contra coalescência e espalhamento, respectivamente, “exigindo estrito mapeamento de um-para-um entre dois níveis de representação” (GONÇALVES, 2005, p. 86).

Portanto, a CT, extensão da OT, mostra-se mais adequada para abarcar fenômenos fonológicos em operações morfológicas, uma vez que estes últimos não apresentam uma relação direta de identidade entre um *input* e um *output*. Apresentaremos, a seguir, implicações da correspondência para a haplologia a partir de uma revisão estabelecida em De Lacy (1999) que argumenta que a haplologia é coalescência.

3.5.1 Implicações da correspondência para a haplologia

Mostramos, na seção anterior, que a CT é uma abordagem mais eficiente para tratar de operações morfológicas. Ela também pode ser usada para explicar processos fonológicos, tal qual o fenômeno estudado nesta dissertação. De Lacy (1999) aborda questões sobre o processo

da haplologia morfológica no âmbito da correspondência. Como já se sabe, em CT, a relação de correspondência é válida entre os segmentos de *input* e *output* e que um número de restrições orienta essas relações de correspondência.

De Lacy afirma que a haplologia é coalescência. O autor usa exemplos do árabe para explicar como duas cordas de *output* se formam

(45) /ta/ {fem. singular} e /ta/ {prefixo verbal}

Fonte: Adaptado de De Lacy (1999, p. 2).

A forma feminina se funde com o prefixo verbal, confirmando-se a ocorrência da haplologia na forma /ta/. De Lacy (op. cit) defende que nenhuma das duas formas é excluída, na verdade, o *output* [ta] é a realização simultânea de ambas as sequências de *input* e que para explicar formalmente essa noção de coalescência, a CT tem de ser abordada.

Segundo ele, as restrições cruciais para explicar o processo da haplologia são SEG em que “todo segmento em *input* corresponde a um segmento em *output*” (DE LACY, 1999, p. 2) e UNIFORM que milita contra a coalescência e uma restrição definida, por ele, como uma restrição de coalescência gatilho, onde “nenhum segmento no *output* corresponde a mais de um segmento em *input*” (DE LACY, 1999, p. 2). É possível analisar isso a partir do *tableau* 2, desenvolvido por ele:

Tableau 2 – MAX >> C >> UNIFORMIDADE

/t ₁ a ₂ / + /t ₃ a ₄ /	MAX	C	UNIFORMIDADE
(a) t ₁ a ₂ t ₃ a ₄		x!	
(b) t ₁ a ₂	xx!		
(c) t _{1,3} a _{2,4}			xx

Fonte: Adaptado de De Lacy (1999, p 3).

De Lacy (1999) descreve os números subscritos como indicadores que estão numa relação de correspondência. Ele explica que o [t] na forma de *output* mais à esquerda corresponde ao primeiro segmento no candidato (a), conforme indicado pelo “1” subscrito, bem como ocorre em ambos os *inputs*/t/ no candidato (c), indicado pelo 1 e 3 subscritos.

O candidato (a) viola fatalmente $\mathcal{C}$ porque não apresenta coalescência, enquanto (b) não apresenta correspondentes no *output*, presentes no *input* (os números subscritos apontam a exclusão da correspondência). Ocorre violação em (c) porque UNIFORMIDADE é uma restrição que evita coalescência, ou seja, o segmento de *output* corresponde a mais de um segmento de *input*. No *ranking*, esta restrição está abaixo na hierarquia, por isso, “suas violações são inconsequentes” (DA LACY, 1999, p. 3). Logo, o candidato (c) é o escolhido por violar a restrição mais baixa na hierarquia.

O autor defende ainda que essa hierarquia é importante, pois caso UNIFORMIDADE fosse a restrição mais alta no *ranking*, violaria fatalmente o candidato (c). Isso comprova que MAX e devem dominar $\mathcal{C}$ UNIFORMIDADE, pois a exclusão violada pelo candidato (b) e a plena realização violada pelo candidato (a) esclarecem a justificativa da ocorrência da haplologia. Além disso, a ordem desta dominância é, segundo as palavras de De Lacy (1999), crucial para a coalescência.

Dito isso, De Lacy (1999) esclarece que o símbolo $\mathcal{C}$ pode ser usado como uma restrição responsável pelo acionamento da haplologia. Com isso, essa restrição é defendida, por ele, como uma restrição de marcação, bem como as apontadas na literatura por McCarthy e Prince (1993a): *F (o F representa uma característica) e ALIGN.

É importante ressaltar que para De Lacy (1999) não há uma restrição específica projetada para acionar a haplologia. Na verdade, em princípio, qualquer restrição pode servir como gatilho para o acionamento do processo. Ele argumenta que para o gatilho da haplologia

Há uma restrição (quase trivial) que deve ser relevante. Uma restrição relevante pode ser violada mais em uma forma não haplogizada do que haplogizada. Por exemplo, *STRUC é o acionamento ideal: será sempre menos violada na forma haplogizada, uma vez que essa forma tem sempre menos estrutura do que sua forma não haplogizada (DE LACY, 1999, p. 18).

De Lacy (1999) discute que outras restrições servem para o acionamento da haplologia, como por exemplo, ALIGN (σ , L, PrWd, L) que requer que a borda esquerda de cada sílaba seja alinhada com a borda esquerda de um PrWd. Grosso modo, isso implica dizer que quanto mais sílabas um candidato tiver, mais violará essa restrição.

O autor trata dessa restrição para o fenômeno da haplologia porque, segundo ele, é uma restrição de marcação por excelência, pois “na estrutura de proibição expressa diretamente uma propriedade que é compartilhada por quase todas as restrições de marcação” (DE LACY, 1999, p. 3). Além disso, ele discute que a diferença entre essa restrição de marcação e as outras está na extensão da discriminação: “enquanto *STRUC milita toda a estrutura, outras restrições de

marcação são mais seletivas” (DE LACY, 1999, p. 3). Um exemplo usado por ele é a restrição *labial que bane apenas instâncias do recurso [labial]. Diferente de *coronal que é relevante para *ta* (*input* do *tableau* 2), já que pode desencadear a haplologia de *ta*. Grosso modo, o desencadeador do fenômeno pode ser qualquer restrição de marcação que possa ser violada pelo morfema que sofre a haplologia.

O *tableau* a seguir descreve melhor como essa restrição pode ser acionada para a economia de espaço que os candidatos não têm em comum. Sendo assim, de acordo com De Lacy (1999) não há exclusão da ação da haplologia, o *ranking* básico deve ser MAX dominando *STRUC, conforme o *tableau* 3

Tableau 3 – MAX >> *STRUC

/kæt/	MAX	*STRUC
(a) 	xxx!	
 (b) kæt		X

Fonte: Adaptado de De Lacy (1999, p. 4).

O candidato (a) é violado fatalmente por não apresentar material fonológico para análise, cobrança da restrição MAX que exige correspondência de segmentos no *output* para o *input* proposto. Segundo De Lacy (1999), se houvesse inversão das restrições no *ranking*, poderia atrapalhar a explicação da ocorrência da haplologia, pois restrições acima de MAX podem ocasionar na exclusão do processo. Portanto, o autor propõe um *ranking* básico para a ocorrência da haplologia, como pode ser observado no quadro 1

Quadro 1 – Ranking Básico para o acionamento da haplologia proposto por De Lacy (1999)

<u>Ranking Básico para a Haplologia Morfológica:</u> MAX >>  >> UNIFORMIDADE Onde  é uma restrição de marcação relevante.
--

Fonte: De Lacy (1999, p. 4).

De Lacy (1999) esclarece que essa não é, necessariamente, uma dominância fixa. Esse ranking básico mostra que a haplologia ocorre entre dois afixos, sejam eles semelhantes ou não. “Isso ocorre porque MAX simplesmente requer que um segmento de *input* tenha um correspondente de *output*” (DE LACY, 1999, p. 4). Ou seja, essa restrição não exige que os

correspondentes sejam idênticos. Segundo ele, essa identidade é reforçada pela restrição IDENT-F

(46)

IDENT-F: se um segmento do input for αF , o correspondente de output será αF

(i) F é uma característica

(ii) é α uma especificação característica (+ ou -)

Fonte: De Lacy (1999, p. 4)

A restrição IDENT-F, assim, domina e **C** permite que apenas sequências idênticas ou semelhantes se aglutinem (DE LACY, 1999). É possível observar isso no *tableau* 4 abaixo:

Tableau 4 – MAX >> IDENT-F >> C >> UNIFORMIDADE

1 /t ₁ a ₂ / + /t ₃ a ₄ /	MAX	IDENT-F	C	UNIFORMIDADE
(a) t ₁ a ₂ t ₃ a ₄			x!	
(b) t ₁ a ₂	xx!			
(c) t _{1,3} a _{2,4}				Xx
2 /t ₁ a ₂ / + /d ₃ i ₄ /				
(a) t ₁ a ₂ d ₃ i ₄			x!	
(b) t ₁ a ₂	xx!			
(c) t _{1,3} a _{2,4}		xx!		Xx

Fonte: Adaptado de De Lacy (1999, p. 5).

No *tableau* 4 é perceptível a relação de correspondência entre o *output* para o *input* proposto por meio dos números subscritos na parte 1. Por isso, o candidato (c) torna-se eleito por apresentar coalescência. Na parte 2, (a) é o candidato ótimo, embora viole fatalmente a restrição de coalescência e isso se deve ao fato da restrição IDENT-F ser a mais alta no ranking e tirar as chances de (a). Por esse motivo, o candidato (c) é violado fatalmente em IDENT-F por não preservar correspondentes no *output* que deveriam estar no *input*. “A característica crucial aqui é [voz]: enquanto o output [t_{1,3}] preserva o recurso [-voz] de seu correspondente de input /t₁/, não expressa a real correspondência que deveria para o seu verdadeiro input [+voz] /d₃/” (DE LACY, 1999, p. 5). Segundo ele, isso justifica o porquê da coalescência de cadeias não idênticas não acontecer.

Por outro lado, Battisti (2004), ao analisar a haplologia por meio da Teoria da Otimidade, discute que a natureza do fenômeno ocorre através do apagamento e não pela coalescência. A autora utiliza a restrição de marcação OCP-generalizado, proposta por De Lacy (1999), que milita contra a identidade de sequências de segmentos. Desse modo, então, aplicaria

para a realização da haplologia. Sua análise foi feita com a haplologia sintática no sul do país na cidade de Porto Alegre.

Para a autora, analisar o fenômeno fonológico por uma restrição, como OCP,

se faz necessária pela discussão acerca do papel desempenhado por restrições como o OCP – que, numa abordagem baseada em restrições como a TO, corresponde a uma demanda da gramática pela não-identidade de seqüências de segmentos – e pela ilustração de que, dependendo da interação de restrições através de diferentes ordenamentos na hierarquia, tanto candidatos que sofrem haplologia quanto candidatos que sofrem apagamento podem ser selecionados como a forma ótima (BATTISTI, 2004, p. 32).

Battisti (2004) defende que com essa restrição numa interação com outras restrições, ocorre a escolha do candidato ótimo em *output* com haplologia no PB. Como análise variável, a autora levou em consideração apenas seqüências de sílaba com /t/ e /d/ e tanto OCP quanto MAX não aparecem com contexto definido (BATTISTI, 2004). Segundo ela, a hierarquia básica, apresentada por De Lacy (1999), não dá conta de responder a natureza da haplologia como coalescência vista no *tableau 5*

Tableau 5 – Haplologia Sintática: OCP na hierarquia básica de De Lacy (1999)

/kwalidad ₁ e ₂ / /d ₃ e ₄ / /vida/	MAX	OCP	UNIFORMITY
(a) d ₁ e ₂ d ₃ e ₄		xx!	
(b) d ₃ e ₄	xx!		
(c) d _{1,3} e _{2,4}			Xx

Fonte: Adaptado de Battisti (2004, p. 37).

Para Battisti (2004), quando a restrição de marcação OCP fica entre as restrições de MAX e UNIFORMITY, a análise só daria certo com seqüências totalmente idênticas. “Em seqüências parcialmente idênticas, a forma não-haplologizada seria a mais harmônica” (BATTISTI, 2004, p. 37). Por isso, ela defende que para emergência de um candidato ótimo para a aplicação do fenômeno como coalescência é com a restrição de marcação OCP ocupando lugar mais alto na hierarquia.

Tableau 6 – OCP com coalescência

/fuNd1o2/ /d3o4/ /poso/	OCP	MAX	UNIFORMITY
(a) d ₁ o ₂ d ₃ o ₄	xx!		
(b) D ₁ o ₂		xx!	

☞ (c) d _{1,3} o _{2,4}			Xx
---	--	--	----

Fonte: Adaptado de Battisti (2004, p. 37).

A autora discute que numa análise da haplologia sintática com sequências, parcial ou totalmente, idênticas a natureza do fenômeno pode ser tanto de natureza por coalescência, quanto por natureza de apagamento.

A autora, respaldada por Sá Nogueira (1938), argumenta que a haplologia sintática pode ser um processo que ocorre por meio do apagamento e degeminação, pois a vogal final da primeira palavra é apagada e há degeminação das duas consoantes (ambas tornam-se uma geminada), reduzindo para uma consoante, quando “duas palavras em seqüência na frase cujas sílaba final e inicial, respectivamente, são idênticas ou muito similares” (BATTISTI, 2004, p. 32).

Nesta dissertação, analisamos a haplologia morfológica e sua natureza por apagamento parece ser bastante pertinente. No entanto, levamos em consideração o princípio do balanceamento de sílabas entre as bases. Sendo assim, adotamos a ideia tanto de apagamento, quanto de fusão para a ocorrência do fenômeno da haplologia no processo do *portmanteau*.

Desse modo, podemos definir, também, a haplologia como um fenômeno por fusão, quando a sua ocorrência é detectada no *portmanteau*. Ao assumirmos que a haplologia é um processo que decorre, também, da fusão, o desaparecimento da sílaba não ocorre totalmente, ao contrário do que acontece com o desaparecimento de sílaba por apagamento. Os dados nas seções de análise mostrarão com mais clareza as duas naturezas da haplologia.

Nesse sentido, fica claro como a CT é fundamental para explicar processos morfológicos (na busca da interface com a Fonologia), uma vez que trabalha com correspondência entre as restrições. Porém, as análises apresentadas por De Lacy (1999) não darão suporte para a nossa análise de balanceamento do número de sílabas. A nossa interpretação de coalescência é que dois segmentos geram um terceiro segmento, como em *otoridade* para **autoridade**.

4 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para esta dissertação, propomos uma análise do *portmanteau*, sobreposição de duas bases, para verificar o balanceamento do número de sílabas e ocorrência da haplologia, desaparecimento de sílabas contíguas iguais e/ou semelhantes. Verificamos em quais contextos há entrada para o fenômeno fonológico, ou não, a partir de três variáveis controladas: queda ou não de sílaba, suas restrições em CT e análise experimental da percepção dos falantes sobre as possibilidades de palavras via *portmanteau*.

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem um delineamento transversal e foi realizada em algumas instâncias. A primeira, observamos o número de sílabas entre as bases e se havia possibilidade para ocorrência ou não de haplologia. A segunda análise foi de natureza segmental, momento em que analisamos o fenômeno de diminuição por segmentos idênticos e distintos, como, respectivamente, observados nos exemplos: *tragicômico* e *sacopielé*. Em seguida, elaboramos os *tableaux* e a hierarquia das restrições envolvidas tanto no *portmanteau*, quanto na haplologia para explicar a natureza desse último fenômeno, no PB, no processo morfológico. Por fim, aplicamos um teste de Percepção para atestar o grau de aceitabilidade do falante na ocorrência do fenômeno no processo do *portmanteau*.

4.1 Mecanismos da pesquisa

Inicialmente, desenvolvemos a pesquisa a partir de um *corpus* constituído na coleta de palavras compostas já consagradas na língua e na literatura, bem como em dicionários online, além de palavras que surgiram recentemente no Português Brasileiro em situações informais.

A priori, analisamos palavras justapostas, já que é um tipo de composição que engloba a junção de duas bases para a formação de uma nova palavra prosódica e, em seguida os *portmanteaux*, uma vez que sofrem queda de sílaba, para, assim, compreender melhor o processo do número de sílabas entre as bases. A partir disso, observamos como esse último processo, apresentado no início desta dissertação, pode abrir campo para a ocorrência da haplologia.

Nesse sentido, dividimos a análise em três partes, observando o comportamento das bases nas formas resultantes, a saber: a justaposição; o *portmanteau*, um processo que envolve a sobreposição de bases, o que denota a queda de sílaba; e o *portmanteau* com queda de sílaba, abrindo campo para a ocorrência da haplologia.

A segunda parte de pesquisa foi feita com base nos pressupostos da Teoria da Otimidade, para analisar os dados, e de seu desdobramento, a Teoria da Correspondência, para compreender melhor a interface entre a morfologia e a fonologia. Precedemos nossa análise com a Morfologia, avaliando as possíveis alterações das bases. Em seguida, avaliamos a natureza fonológica dos elementos envolvidos no desaparecimento. Com a CT, trabalhamos com as restrições numa relação de correspondência para confirmar nossa hipótese sobre a natureza da haplologia no *portmanteau*.

Dada a hierarquia das restrições, elaboramos os *tableaux*, considerando a natureza fonológica dos elementos envolvidos na perda e as restrições, analisando o comportamento das formas candidatas a *output* no que diz respeito à violação ou satisfação das restrições propostas para o fenômeno. Estabelecemos, nesses *tableaux*, a hierarquia das restrições, identificando a emergência do *output* ótimo para o *input* proposto.

Na terceira parte das análises, investigamos a percepção dos brasileiros diante de composição de palavras com perda de material fonético para testar o grau de aceitabilidade manutenção ou não do número de sílabas na palavra formada, a ou ausência da haplologia e a eficácia ou não da hierarquia das restrições propostas para esse fenômeno.

Separamos os *portmanteaux* em dois grupos, sendo o primeiro sem ocorrência da haplologia e o segundo com a ocorrência. Utilizamos palavras recém criadas (ou conhecidas há algum tempo) na língua como *sacolé* (saco + picolé) e logatomas como *sapatrão* (sapatão + patrão). Estas palavras foram colocadas dentro de um contexto de frase para que o sujeito pudesse fazer seus julgamentos. Para cada *portmanteau* existente, criamos um logatoma, observando o número de sílabas que cada base de origem apresentava.

Para análise do grau de aceitabilidade, cada possibilidade de palavra formada foi avaliada de acordo com a escala Likert com variação de 0 a 5. Para esta pesquisa, 0 foi considerado como NADA ACEITÁVEL, enquanto 5 MUITO ACEITÁVEL. Para tanto, aplicamos um teste de percepção, por meio do *Google Forms* - o modelo desse formulário é apresentado no apêndice B –, que consistiu em avaliar o grau de aceitabilidade dos brasileiros de palavras formadas a partir da combinação de bases. Os *portmanteaux* (reais e logatomas) encontram-se no apêndice A, ao final desta dissertação.

Como dito anteriormente, cada *portmanteau* (tanto os reais, quanto os logatomas) apresentava diversos candidatos e uma contextualização. Tais palavras foram manipuladas, na tentativa de entender questões de efeito do número de sílabas, aplicação da haplologia, além da carga semântica, de modo que o falante aplicasse, para cada candidato, uma nota de 0 a 5.

Consideramos as notas de 0 a 2 como menos aceitáveis, enquanto as de 3 a 5 como mais aceitáveis.

Não estabelecemos faixa etária, nível de escolaridade, sexo ou regiões específicas do país como variáveis para esta pesquisa. Qualquer sujeito poderia responder ao questionário. Por se tratar de um formulário *online*, e com expectativa de atingir pessoas de diferentes lugares e regiões do país, disponibilizamos na *internet*, por meio das redes sociais, como *instagram* e *facebook*.

Obtivemos um total de 78 respostas vindas de todas as regiões do país, de diferentes estados. Pessoas de ambos os sexos responderam ao formulário, sendo a maioria homens (69,2%) e com idades que variaram de 17 a 57 anos. Desse modo, os níveis de escolaridade variaram do ensino médio da educação básica ao nível superior completo.

Queríamos investigar que(ais) princípio(s) de formação de palavras era/eram mais aceito(s) pelo falante. Por esse motivo, coletamos todas as respostas e fizemos os experimentos por meio do *excel* para investigar a exigência desse falante. É importante ressaltar que, por vezes, o total dos resultados não apresentava o percentual de 100% em decorrência do *excel* arredondar os valores para cima ou para baixo, dependendo da quantidade de casas decimais. O 1% que faltar ou que sobrar, em alguns resultados, estará distribuído na soma dos valores decimais arredondados e visivelmente suprimidos.

5 PROPOSTA DE BALANCEAMENTO DE SÍLABAS NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR BASE + BASE

Nesta seção, discutiremos sobre o funcionamento da justaposição, bem como o *portmanteau*, analisando o efeito do número de sílabas entre as bases na formação do *portmanteau* e o acionamento da haplologia nesses processos. Para isso, dividimos a nossa análise em três partes: a) compostos nos quais se verifica a manutenção de todo material fonético das bases; b) compostos nos quais se verifica a eliminação de material fonético da(s) base(s) e, c) compostos nos quais se verifica a eliminação de material fonético da(s) base(s) com ocorrência de haplologia.

5.1 Compostos formados com manutenção do material fonético das bases: a justaposição

Como foi apresentado na seção 1 desta dissertação, na justaposição há preservação fonética das bases, mantendo-se na palavra formada o acento e todos os segmentos das palavras primitivas, como em *mata-borrão*, *guarda-roupa* e *girassol*. Andrade e Rondinini (2016, p. 866) discutem que “são preservadas a estrutura e a pauta acentual das bases combinadas, resultando em duas palavras prosódicas e uma morfológica”.

Assim, na justaposição, as bases são mantidas inalteradas com a mesma quantidade de sílabas, a mesma pauta acentual, como pode ser observado, no quadro 2

Quadro 2 – Esquema representacional de palavras por justaposição com número igual de sílabas entre as bases

Base esquerda	Base direita	Bases justapostas	Número de sílabas das bases	Fonte:
a. cavalo	marinho	cavalo-marinho	ca.va.lo .ma.ri.nho 1 2 3 1 2 3	
b. guarda	chuva	guarda-chuva	guar.da .chu.va 1 2 1 2	
c. passa	tempo	Passatempo	pas.sa .tem.po 1 2 1 2	
d. guarda	roupa	guarda-roupa	guar.da .rou.pa 1 2 1 2	
e. vai	vem	Vaivém	vai .vem 1 2	

Elaboração própria.

Como se pode observar no quadro 2, as bases primitivas envolvidas na composição possuem o mesmo número de sílabas. Em (a), tem-se duas bases trissílabas; em (b, c e d) são duas bases dissílabas; e em (e) duas bases monossílabas.

Apesar de se encontrar no Português alguns compostos formados por bases com número diferentes, à semelhança de *cachorro-quente*; *amor-perfeito* e *peixe-espada*, esses casos são em menor quantidade do que os casos em que as bases possuem número de sílaba igual.

Ainda é possível encontrar compostos cujas bases possuem número de sílaba diferente quando uma das bases é monossílabo, conforme mostra o quadro 3.

Quadro 3 – Esquema representacional de palavras por justaposição com número diferente de sílabas entre as bases

Base esquerda	Base direita	Bases justapostas	Número de sílabas das bases
a. bumba	boi	bumba-boi	bum.ba .boi 1 2 1
b. couve	flor	couve-flor	cou.ve .flor 1 2 1
c. ponta	pé	Pontapé	pon.ta .pé 1 2 1
d. verde	mar	verde-mar	ver.de .mar 1 2 1

Fonte:

Elaboração própria.

Vê-se, no quadro 3, que as bases não apresentam o mesmo número de sílabas, no entanto, ainda mantêm todo seu material fonético. Portanto, para haver a justaposição não pode ter queda de sílaba.

A tendência que a língua tem de formar compostos com bases que compartilham o mesmo número de sílaba, sem redução de material fonético, pode ser uma evidência considerável para a hipótese de que na formação de compostos um critério que deva ser considerado é o balanceamento de sílabas das bases, ou seja, no composto formado a base da esquerda e da direita tendem a ter o mesmo número de sílaba.

5.2 Compostos formados com perda de material fonético das bases: o *portmanteau*

Nem sempre, as formações de palavras seguem o padrão de justaposição. Há situações em que se tem eliminação de sílabas como mostra o quadro 4.

Quadro 4 – Esquema representacional *portmanteau* formado por base monossílaba + bases dissílaba

Base esquerda	Base direita	Queda de sílaba	<i>Portmanteau</i>	Balanceamento de sílabas
Chá	Café	*chacafé >chafé	Chafé	chá . fé 1 1

Fonte: Elaboração própria.

Na língua, também é muito comum a junção de duas bases com queda de sílaba ou sílabas. Essas bases, ao se sobreporem, caracterizam-se como *portmanteau*, fenômeno morfológico, apresentando na primeira seção desta dissertação, que é resultado de uma nova palavra a partir da sobreposição de duas bases com casual perda de material fonético, como no exemplo do quadro 04 com a palavra *chafé* (chá + café), termo usado para descrever um café considerado fraco.

Com a queda da sílaba [ka] da base da direita, ocorre uma cadência maior entre as bases para manutenção rítmica do português. A justificativa se dá pelo padrão rítmico da língua em marcar sílabas tônicas e átonas mais à esquerda do que à direita (MASSINI-CAGLIARI, 1995; BISOL, 2013). A queda da sílaba [ka], portanto, permite que o padrão rítmico da língua mantenha uma melhor cadência, pois, como assegura Bisol (2000), palavras em pés silábicos tendem a manter o pé métrico mais à cabeça de esquerda, como já foi dito na seção 1 da subseção 1.2 desta dissertação. Com isso, também, permite-se afirmar porque os exemplos no quadro 03 mantêm bases à esquerda maiores que às da direita.

Desse modo, fica claro que quando há manutenção de todo material fonético das bases, na formação de uma nova palavra, o processo envolvido é o da justaposição. Por outro lado, quando i- a primeira base monossílaba encontra uma segunda base dissílaba e ii- duas bases diferentes se encontram (quadro 05, a seguir), ocorre eliminação. Sendo assim, surge o questionamento: por que a língua prefere essa eliminação?

Por meio dos exemplos dos quadros 04 e 05, é possível identificar um balanceamento de sílabas entre as bases. Esse balanceamento ocorre, justamente, porque há perda de sílaba(s) para manter um equilíbrio entre as bases, qual seja, as bases passam a ter número de sílaba igual.

Nessa perspectiva, são em formações de palavras por *portmanteau*, onde há uma tendência de eliminação de sílaba para haver um balanceamento do número de sílabas das bases envolvidas na nova palavra formada, como vista no quadro 5.

Quadro 5 – Esquema representacional de balanceamento entre as bases do *portmanteau*.

Base esquerda	Base direita	Queda de sílaba(s)	Aplicação do <i>portmanteau</i>	Balanceamento de sílabas
a. Namorado	Marido	*namor ad omarido>namorido	Namorido	na.mo . ri.do 1 2 1 2
b. Vagabunda	Piranha	*vagab und apir an ha>vagar an ha	Vagar an ha	va.ga . ra.nha 1 2 1 2
c. Bolsonaro	Lixo	*Bolson ar olixo>Bolsolixo	Bolsolixo	bol.so . li.xo 1 2 1 2
d. Prostituta	Put a	*prostit ut a puta >prostiputa	Prostitiputa	pro.ti . pu.ta 1 2 1 2

Fonte: Elaboração própria.

Em (05a e b), o balanceamento de sílaba acontece com bases de estruturas parecidas, em que as bases da esquerda são polissílabas e as da direita trissílabas. Com isso, caem duas sílabas da primeira base e apenas uma da segunda, possibilitando, na forma resultante, que ambas as bases fiquem com duas sílabas. Em (05 c e d), a primeira base também é polissílaba. Por outro lado, diferentemente de (05a, b), a segunda base já é dissílaba. Logo, duas sílabas da primeira base caem para que haja um balanceamento de sílaba e a forma resultante seja composta por duas bases dissílabas.

O resultado, do quadro 05, portanto, é obtido por meio de um balanceamento do número de sílabas das bases formadoras de novas palavras, a saber: ambas com duas sílabas.

Ainda, há situações em que essa eliminação pode propiciar a ocorrência da haplologia, como pode ser visto no quadro (06). No processo do *portmanteau*, como já foi visto, há uma tendência de eliminação de sílaba para que ambas as bases tenham o mesmo número de sílabas. É possível, ainda, que essa eliminação resulte na sequência de segmentos idênticos. Logo, um novo desaparecimento é observado entre sílabas contíguas, no nível fonético. Esse desaparecimento de sílabas contíguas semelhantes é caracterizado como haplologia e sua natureza será regida pela manutenção do balanceamento de sílabas entre as bases.

Sendo assim, a haplologia pode ser acionada, ou não, no processo do *portmanteau* e este precisa ser regido pelo balanceamento de sílaba(s) entre as bases.

No entanto, o fenômeno linguístico pode se manifestar em palavras que já tenham o mesmo número de sílabas entre as bases, como em *sacolé* (saco + picolé), em (06a), bem como em palavras com bases de números distintos, como em *borboletras* (borboleta + letras), em

(06b). Nesse sentido, qual a natureza da haplologia está envolvida no *portmanteau*? fusão ou apagamento?

Propomos uma abordagem da haplologia que discorra sobre ambas naturezas. No quadro 06 apresentamos um esquema representacional que descreve a haplologia com característica de fusão – quando dois sons passam a se comportar como um só.

Quadro 6 – Esquema representacional com ocorrência da haplologia com natureza de fusão no processo do *portmanteau*

Base esquerda	Base direita	Eliminação de sílaba	Fusão	Aplicação do <i>portmanteau</i> e da haplologia	Balanceamento de sílabas
a. Saco	Picolé	*sacopicolé> *sacocolé	*sacocolé>sa colé	sacolé	sa.co .lé 1 21 2
b. Chato	Mattoso	*chatomattoso > *chatottoso	*chatottoso> chattoso	chattoso	cha .tto .so 1 21 2
c. Trágico	Cômico	X	*trágicocômi co> tragicômico	Tragicômico	tra.gi .co . mi.co 1 2 31 2 3

Fonte: Elaboração própria.

Nos exemplos do quadro 06, temos o desaparecimento de uma sílaba para a manutenção de balanceamento de sílabas entre as bases, [pi], em (a) e [ma] em (b). Essa eliminação resulta em duas bases dissílabas, saco+cole e chato+ttoso resultando, ao mesmo tempo, sequência de segmentos idênticos [ko] e [to] , para a primeira formação e para a segunda, respectivamente, contexto propício para a ocorrência da haplologia, uma vez que tal fenômeno trata de queda de sílaba semelhante ou idêntica em fronteira de morfema. No exemplo (c) a aplicação da haplologia acontece no contato direto entre as bases.

A natureza da haplologia envolvida nos exemplos do quadro 06 é de fusão (exemplo: **saco** + **colé**). As sílabas em negrito fundem-se no nível fonético), pois, por haver sobreposição das bases, eles se caracterizam como *portmanteaux* e este processo, como visto anteriormente, é regido pelo balanceamento de sílaba(s) entre as bases. Sendo assim, não seria possível dizer que ocorre apagamento, uma vez que, caso perdesse uma das sílabas contíguas fundidas, haveria um desequilíbrio entre as sílabas. Além do mais, no exemplo (c), essa fusão denota que há perda de

material fonético, ainda que fundido, e, assim, reitera sua característica como *portmanteau* e não como justaposição.

Por outro lado, como já dissemos, há alguns *portmanteaux* que apresentam a aplicação da haplologia com natureza de apagamento, conforme mostra o quadro 7

Quadro 7 - Esquema representacional com ocorrência da haplologia com natureza de apagamento no processo do *portmanteau*

Base esquerda	Base direita	Eliminação de sílaba	Apagamento	Aplicação do <i>portmanteau</i> e da haplologia	Balanceamento de sílabas
a. Borboleta	Letras	*borboletalet ras> *borboletra s	*borboletras >borbolettras	Borboletras	Bor.bo. le.tras 1 2 1 2
b. Advogada	Gata	*advogadaga ta> *advogagata	*advogagata>a dvogata	Advogata	Ad.vo.ga .ta 1 2 1 2
c. Mendiga	Gata	X	*mendigagata >mendigata	Mendigata	Men.di .ga .ta 1 2 1 2
d. Promoção	Mochila	*promoçãom ochila> *promomoch ila	*promomochil a>promochila	Promochila	Pro.mo . chi.la 1 2 1 2

Fonte: Elaboração própria.

Até aqui, discutimos que, em formação de palavras com queda de material fonético, as bases tendem a manter um balanceamento de sílabas entre si. Nos exemplos do quadro 07, trabalhar com a hipótese de que esteja havendo fusão das sílabas é assumir que as bases vão apresentar número de sílabas diferentes, havendo um desequilíbrio de número de sílabas entre elas. Ao que nos parece, que nos dados do quadro 07, a haplologia funciona como queda das sílabas, pois, em (a) e (b) com a queda das sílabas [ta] e [da], a aplicação da haplologia resultaria em borbo(**le**)tras e advo(**ga**)ta, deixando as bases da esquerda com duas sílabas e as da direita com duas. O contrário acontece no exemplo (d), pro(**mo**)chila, em que base da esquerda perde a sílaba [saw] e as sílabas contíguas seguintes [mo] são iguais, configurando-se como haplologia. Desse modo, a base da direita fica com maior número de sílabas que a da esquerda (promo(**mo**)chila). Nesse caso, portanto, há a queda da sílaba [mo] da base da direita para equilibrar o número de sílabas entre as bases e a forma resultante será *promo(~~mo~~)chila*. Em (c), não há eliminação de sílaba, pois a haplologia já ocorre diretamente com o contato das sílabas

contíguas, porém o desequilíbrio permanece, mendi(**ga**)gata. A ocorrência da haplologia, nesse caso, também, é através da queda, resultando na forma *mendi(g~~a~~)gata* (ambas as bases ficam dissílabas).

A natureza da haplologia, nestes casos, portanto, se aplica como apagamento, não como fusão, para se alcançar balanceamento de número de sílabas entre as bases. Em borbo(**lele**)tras, por exemplo, a sílaba da base da esquerda precisa ser apagada para que haja balanceamento entre as bases em sua forma resultante (base₁:borbo + base₂: letras= borbo**le**tras).

Fica explícito, portanto, pelos exemplos, que, de fato, o que prevalecerá é o balanceamento de sílabas entre as bases na formação de palavras por *portmanteau*. E com o acionamento da haplologia, bem como seu tipo de natureza (fusão ou apagamento), é possível confirmar essa hipótese com mais nitidez.

É possível observar, ainda, que os exemplos dos quadros 06 e 07 permitem um melhor padrão rítmico com o desaparecimento de segmentos semelhantes ou idênticos, seja de natureza de fusão ou de apagamento. E, além de promover um equilíbrio entre as bases envolvidas, também, concorrem para a euritmia, ou seja para implementação da grade métrica perfeita, cadência de combinação entre sílabas tônicas e átonas.

Abordaremos, na seção seguinte, uma análise da CT, observando a hierarquia proposta para o acionamento da haplologia no processo do *portmanteau*.

6 HAPLOLOGIA NO PB: UMA ANÁLISE VIA OT

Mostraremos aqui, como o fenômeno da haplologia– desaparecimento de sílaba na contiguidade de sílabas semelhantes ou idênticas – é bastante comum em processos de composição com perda de material fonético, *portmanteau*. Como já discutimos, ao longo desta dissertação, em algumas situações a sobreposição de palavras oferece possibilidade para ocorrência da haplologia.

Nessa perspectiva, abordaremos a TO como forma de explicar o funcionamento da haplologia no processo de formação de palavras (o *portmanteau*) no PB. Sob a luz da TO, procuramos compreender as motivações do desaparecimento do material fonético, analisando as suas motivações fonológicas, bem como a natureza desse desaparecimento, quais sejam: fusão, desaparecimento parcial da sílaba; ou apagamento, desaparecimento total. Com ocorrência nesse tipo de formação de palavras, no PB, a haplologia poderá apresentar ambas natureza, considerando o princípio do número de sílabas das bases envolvidas na formação do composto.

6.1 Elaboração e análise das restrições

Tendo discutido sobre a OT e os processos envolvidos, observamos como a haplologia se comporta no processo do *portmanteau* (*sacolê*) por meio das restrições. Há muitos trabalhos desenvolvidos na literatura sobre *portmanteau*, por meio da OT, em diversas línguas. Araújo (2000) é quem desenvolve trabalho no português com intenção de destacar a relevância do processo, além de apontar sua regularidade em uma gramática e obediência a ela.

O autor defende que observações fonológicas desse processo têm tendência de compartilhamento de material segmental em que os componentes possuem vogais, consoantes ou traços em comum que podem ser sobrepostos ou associados (ARAÚJO, 2000). Para isso, ele faz um estudo dentro dos moldes da CT, apresentando como as restrições podem ser eficazes para explicar fenômenos como o *portmanteau*.

Assim, ele se detém a uma restrição desenvolvida por Bat-el (1993) que estudou o comportamento do processo no hebraico, que expressa a correspondência desse compartilhamento, denominada DIS, em que “o segmento idêntico funciona como o 'ponto de troca', o ponto no *blend* em que o primeiro elemento termina e o segundo começa. Quando existem consoantes compartilhadas por ambos os elementos, uma é selecionada como o Segmento Idêntico Designado (DIS). O material entre as duas ocorrências de DIS, incluindo

uma de suas ocorrências, é subtraído (incorrendo em violação SegMAX)” (BAT-EL, 1996, p. 292). Sua orientação é apresentada em 47

(47) DIS: um portmanteau possui um elemento (vogal, consoante ou traço)
que ocorre em ambos os componentes da base.

Fonte: Araújo (2000, p. 15).

Segundo o autor, essa restrição garante a composicionalidade do *portmanteau* e que, dada a sua importância, ela garante posição mais alta do *tableau*. Desse modo, os *portmanteaux* resultam do conflito entre DIS e as de correspondência, MAX e DEP. Araújo (2000) considera a possibilidade de que, em português, essas restrições de correspondência se apliquem tanto no nível silábico, quanto no nível fonológico. Elas podem ser observadas no esquema 48

(48) MAX σ cada sílaba em ambos os componentes das bases deve ter uma sílaba correspondente na formação de base + base

MAX SEG cada segmento em ambos os componentes das bases deve ter um correspondente na formação de base + base

DEP σ cada segmento na formação de base + base deve ter um segmento correspondente no componente da base

DEP SEG cada segmento numa formação de base + base deve ter um segmento correspondente no componente da base

Fonte: Araújo (2000, p. 15)

Dadas as adaptações das restrições, Araújo (2000) argumenta que a hierarquia deve estar baseada no output-*portmanteau*. Sendo assim, o *tableau 7*, mostra a geração do *portmanteau* atestado com a palavra *namorido*:

Tableau 7 – DIS >> MAX SEG >> DEP SEG >> σ MAX>> σ DEP

Input: namorado, marido	DIS	MAX SEG	DEP SEG	σ MAX	σ DEP
a. namo<rado♦ma>rido		*	**	***	*
b. na<morado♦>marido		**!	**	***	*
c. namorado<♦marido>	*!	**	*	***	
d. <namorado♦>marido	*!	!****	**	!****	

Fonte: Araújo (2000, p. 16)

No *tableau 7*, *a* é o candidato escolhido como ótimo, segundo o autor, pois viola menos a restrição MAX SEG, uma vez que o elemento *a* da palavra *marido*, por não estar exposto nos dois componentes, é apagado (ARAÚJO, 2000). O candidato *b* é eliminado, pois viola fatalmente nesta mesma restrição. Os candidatos *c* e *d* são automaticamente eliminados porque violam fatalmente a restrição mais alta no *ranking* da hierarquia.

O trabalho desenvolvido por Araújo (2000) é importante, pois mostra o comportamento desse tipo de processo através da correspondência que há entre as restrições. Entretanto, ele se

deteve apenas ao *portmanteau*. Nós, a partir do seu trabalho, aprimoramos o uso das restrições para mostrar a ocorrência de haplologia dentro do fenômeno que o autor analisou, defendendo que o metaplasmo pode ser ora de natureza de fusão, ora de apagamento, já que a prevalência que está em jogo é do balanceamento do número de sílabas entre as bases.

Como já discutimos, ocorre haplologia no desaparecimento de sílabas ou segmentos semelhantes ou idênticos em fronteira de palavra ou morfema. Observamos a sua aplicação no *portmanteau*, como em *sacolé* para *sacopicolé*. Ocorre, inicialmente, a queda da sílaba [pi] para balanceamento entre os números de sílabas das bases. “Essa eliminação resulta em duas bases dissílabas, *saco + cole*, resultando, ao mesmo tempo, sequência de segmentos semelhantes [ko], contexto propício para a haplologia” (BRAGA; PACHECO, 2018, p. 884). A Teoria da Correspondência, como foi visto na seção 2, apresenta um grupo de restrições que podem ser importantes em operações morfológicas.

Para explicar as naturezas da haplologia com ocorrência no processo do *portmanteau*, lançamos mão das restrições importantes para explicar a aplicação do fenômeno. Na seção 2 desta dissertação, apresentamos a proposta de Battisti (2004) para a natureza da haplologia que a concebe como apagamento e não coalescência.

Utilizaremos a restrição UNIFOR, uma vez que milita contra coalescência e degemininação, além de ser uma restrição que viola fenômenos como a haplologia. Por outro lado, lançamos mão da restrição de OCP-generalizado, proposta por De Lacy (1999), e adotada por Battisti (2004, 2005) como uma restrição que possibilita a ocorrência da haplologia.

Esclarecemos que, ao considerarmos essa restrição para nossa análise, tomamos como base os argumentos de Battisti (2005) que desconsidera as críticas feita por De Lacy (1999), quando aponta

(a) como uma restrição com papel duplo, o de militar contra identidade de elementos em sequência e também o de requerer minimização de estrutura; (b) como uma restrição que estabelece uma relação de segunda ordem (entre seqüências, não entre elementos), permitindo apagamento (BATTISTI, 2005, p. 85-86).

Defendemos, assim como a autora, que OCP-generalizado é uma restrição que favorece à “não-realização de estrutura no contexto de identidade de elementos em seqüência, ambiente de haplologia” (BATTISTI, 2005, p. 86).

No acionamento da haplologia em *portmanteaux*, há fusão de sílabas, desde que duas bases mantenham um número de sílabas igual entre si. Por isso mesmo, pode ser desencadeada por qualquer restrição de marcação relevante. Uma hierarquia ideal seria de OCP >> MAX >>

UNIFOR. Para Battisti (2004), essa hierarquia dá certo e pode conceber a haplologia como coalescência ou apagamento. Dessa forma, a hierarquia pode conceber o fenômeno como fusão. O *tableau* 8 mostra a ocorrência da haplologia no processo do *portmanteau*

Tableau 8 – OCP >> MAX >> UNIFOR

Input: saco, picolé	OCP	MAX	UNIFOR
a. sacopicolé	*!		
b. sapicolé	*	**	
c. sacocolé	**!	**	
☞ d. sacolé		****	**

Fonte: Elaboração própria.

A haplologia, neste contexto, é ocasionada após queda da sílaba. Sendo assim, OCP ocupa a posição mais alta na hierarquia, uma vez que MAX bane apagamento. O candidato “a” é eliminado, violando fatalmente a restrição OCP que ocupa posição mais alta na hierarquia. O candidato “b” é excluído, pois, além de não possuir segmentos que proporcione a ocorrência da haplologia, ainda não apresenta correspondentes no *output* presentes no *input*. Ocorre situação parecida com o candidato “c”. O candidato “d”, assim, é ótimo por violar apenas as restrições mais baixas na hierarquia e suas violações se tornam banais para análise, uma vez que invertendo as restrições de MAX e OCP, tornaria o candidato “d” excluído fatalmente. Apesar de OCP está em posição mais alta no *ranking*, não haverá dominância sobre MAX, pois para a ocorrência da haplologia, essas restrições podem fazer troca de posição na hierarquia, tal como acontece no *tableau* (9).

Nessa perspectiva, poderíamos aplicar essa ordem de restrições para confirmar a hierarquia do *tableau* 8 se a natureza da haplologia for de apagamento. No entanto, ao levarmos em consideração o balanceamento do número de sílabas entre as bases, além do “desempate pela versão da haplologia como apagamento no português brasileiro” (BATTISTI, 2004, p. 37), OCP fica abaixo de MAX na hierarquia. A partir do *tableau* 9 isso pode ser observado

Tableau 9 – MAX >> OCP >> UNIFOR

Input: mendiga, gata	MAX	OCP	UNIFOR
a. mendigagata		**	
☞ b. mendigata	*		**
c. mengata	**!		

Fonte: Elaboração própria.

É importante frisar que a análise do *tableau* 9 tem que ser feita, levando-se em conta a prevalência do balanceamento do número de sílabas entre as bases. Sendo assim, o desaparecimento é promovido pelo apagamento da sílaba [ga] da base da esquerda e, com isso, o candidato (b) viola a restrição MAX, mas, ainda assim é escolhido, porque o candidato (c) viola fatalmente essa restrição mesma, mais alta na hierarquia, enquanto o candidato (a) viola duas vezes a restrição de OCP-generalizado por não aceitar identidade de sequências de segmentos.

Portanto, fica claro, mais uma vez, que, por meio da CT, que irá prevalecer o equilíbrio entre o número de sílabas das bases envolvidas. Uma vez que se interpreta a haplologia com natureza de fusão, compreende-se que as sílabas contíguas semelhantes estejam, de algum modo, presentes no *output*. Por outro lado, a interpretação feita com o fenômeno com natureza de apagamento, compreende-se que uma das sílabas de umas das bases de *input* não esteja presente no *output*.

7 ANÁLISE EXPERIMENTAL DA PERCEPÇÃO

Como foi visto até aqui, na formação de palavras, por *portmanteau*, parece comum a atuação de um balanceamento de sílabas entre as bases. Em nossas análises, houve uma recorrência positiva para o equilíbrio entre as bases. Por isso, elaboramos um teste de Percepção para entender se o falante aceitava esse balanceamento ou preferia as formas com todos os segmentos e/ou as bases com queda de segmentos, porém com um número diferente de sílabas entre si.

Diante disso, propomos investigar a percepção dos brasileiros diante de composição de palavras com perda de material fonético e testar o grau de aceitabilidade do balanceamento de sílabas, da haplologia para esse fenômeno. A pergunta posta é: que(ais) princípio(s) de formação de palavras é/são mais aceito(s) pelo falante? Nossa hipótese é de que o falante é mais exigente para o equilíbrio no número de sílabas na palavra formada, ou seja, o balanceamento de sílaba precede a contiguidade de segmentos ou sílabas iguais ou semelhantes. Nesse tempo, também, verificamos a produtividade da haplologia em processo de formação de palavras em situações experimentais.

Nossa tentativa é compreender qual(is) o(s) princípio(s) que rege(m) essa formação, a partir do balanceamento de sílabas entre as bases. Nossos resultados indicam que o fenômeno fonológico de haplologia não se aplica de modo aleatório no processo do *portmanteau*.

Antes, traremos uma breve discussão sobre os princípios gerais da Percepção.

7.1 Discussões gerais sobre Percepção

Os estudos na área de Percepção têm ganhado notoriedade nos últimos anos. Eles também têm ajudado bastante pesquisas na área de Fonologia de laboratório. Os estudos nesta área são importantes “para o conhecimento momento a momento de nós próprios e de nosso ambiente” (SCHIFFMAN, 2005, p. 2). A percepção pode ser considerada, portanto, como uma ciência que se refere “ao produto dos processos psicológicos nos quais significado, relações, contexto, julgamento, experiência passada e memória desempenham um papel” (SCHIFFMAN, 2005, p. 2).

Desse modo, fica claro que a percepção, enquanto ciência, não se trata da percepção do senso comum: ligadas a apenas o que se pensa ou se sente, criações de juízo de valor sobre determinada coisa. Ela precisa ser descrita por meio do processamento do cérebro, pois como bem defende Merleau-Ponty (1999, p. 6) “se a realidade de minha percepção só estivesse

fundada na coerência intrínseca das “representações”, ela deveria ser sempre hesitante [...]”. Sendo assim, os resultados das pesquisas em percepção apresenta uma descrição sólida sobre nossa interação do dia a dia com o ambiente em que vivemos. Nas palavras de Merleau-Ponty (1999),

a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”⁴, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6).

Fica evidente, portanto, como a percepção é importante para ajudar a responder a questionamentos, sejam básicos ou complexos, da nossa vida cotidiana.

A percepção pode ser estudada sob diversas vertentes, tais como: percepção da forma, do movimento, auditiva, do tempo, da fala etc. Todos esses campos ajudam (ou tentam) explicar o modo como percebemos o mundo que nos cerca (SCHIFFMAN, 2005).

Sob uma abordagem filosófica, Leão (2006) defende que para falar sobre percepção, precisamos nos remeter à suposição do real, sendo o real aquilo que é percebido, o que reflete a posição empirista. Nessa perspectiva, é a partir do que está em nosso campo visível, que podemos dimensionar os fatos e os fenômenos, de modo que se possa analisar a percepção. Merleau-Ponty (1999) assegura que

os fatos mostram sobretudo que a visão não é nada sem um certo uso do olhar. Os doentes “primeiramente vêem as cores assim como nós sentimos um odor: ele nos banha, age sobre nós, sem todavia preencher uma determinada forma de uma determinada extensão” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 300-301).

Para Merleau-Ponty, a percepção pode ser fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhecer o espaço como expressivo e simbólico.

Além da abordagem filosófica de Merleau-Ponty, a percepção pode ser vista sob a ótica da psicologia com, Schiffman (2005) que apresenta algumas abordagens na psicologia para o estudo da sensação e da percepção. Tais abordagens, referem-se a abordagens tanto contemporâneas como históricas, que serviram de base para fundamentar alguns temas contemporâneos, a saber: abordagem estruturalista, a psicologia de Gestalt, a abordagem

construtivista, da percepção direta e a abordagem computacional, a abordagem Neurofisiológica, etc. (SHIFFMAN, 2005).

Nesta dissertação, investigaremos o *portmanteau* na perspectiva do falante nativo. Assim, seremos capazes de avaliar o nível de aceitabilidade do falante do PB sobre os mecanismos subjacentes na formação desses tipos de compostos. Avaliaremos o processo *in natura*, por assim dizer. Dessa forma, o conceito de percepção aqui adotada é o proposto por Merleau-Ponty, que segundo qual a percepção se fundamenta na experiência do sujeito, e, com isso, teremos condições de entender a essa operação morfológica a partir da intuição do falante.

7.2 Uma análise experimental da nível de aceitabilidade do balanceamento do número de sílabas e da haplologia com ocorrência no *portmanteau*

Propomos, então, uma análise, por meio de experimentos, com vistas a verificar o nível de aceitabilidade por parte dos brasileiros acerca da haplologia no processo do *portmanteau* como forma de compreender, também, se o balanceamento do número de sílabas entre as bases prevalece. Na tabela 2, temos os resultados de palavras reais e logatomas que mantêm todos os segmentos das bases, apresentando um número de sílabas diferentes entre as bases

Tabela 2 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em portmanteaux com manutenção de todos os segmentos das bases com números diferentes de sílaba

CANDIDATOS	NÍVEIS DE ACEITABILIDADE											
	0		1		2		3		4		5	
Palavras reais												
Advogada-gata	17/78	22 %	5/78	6%	12/78	15 %	10/78	13 %	7/78	9%	27/78	35%
Carnaval-natal	43/78	55 %	7/78	9%	8/78	10 %	5/78	6%	8/78	10%	7/78	9%
Mendiga-gata	24/78	31 %	6/78	8%	6/78	8%	7/78	9%	12/78	15%	23/78	29%
Lula-ladrão	19/78	24 %	4/78	5%	6/78	8%	6/78	8%	11/78	14%	32/78	41%
Saco-picolé	41/78	53 %	7/78	9%	13/78	17 %	8/78	10 %	5/78	6%	4/78	5%
Meiga-galinha	42/78	54 %	4/78	5%	4/78	5%	11/78	14 %	10/78	13%	7/78	9%
Trágico-cômica	19/78	24 %	5/78	6%	11/78	14 %	8/78	10 %	10/78	13%	25/78	32%
MÉDIA		38 %		7%		11 %		10 %		11%		23%
Logatomas												
Rocambolo-bolo	25/78	32 %	7/78	9%	8/78	10 %	13/78	17 %	13/78	17%	12/78	15%
Sapatão-patrão	36/78	46 %	5/78	6%	9/78	12 %	11/78	14 %	6/78	8%	11/78	14%
Janela-lata	36/78	44 %	4/78	5%	8/78	10 %	11/78	14 %	8/78	10%	13/78	17%
Bola-lâmpada	20/78	26 %	9/78	12 %	9/78	12 %	4/78	5%	12/78	15%	24/78	31%
MÉDIA		37 %		8%		11 %		12,5 %		12,5 %		19%

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se, por meio dos dados apresentados da tabela 02, que o falante pretere as formas em que há a manutenção de todos os segmentos da base. Em média, há 38% de rejeição, nas palavras reais e 37% nos logatomas para o nível 0 de aceitabilidade, enquanto 23% nas palavras reais e 19% nos logatomas para o nível de aceitabilidade 5. Na tabela 02, há um índice maior para a rejeição do que para a aceitabilidade. Nesse caso, é o nexos semântico que está em evidência, já que o *portmanteau*, por si só, é um tipo de estrutura de palavra que possui uma carga semântica que leva em conta necessariamente a combinação das bases.

Evidenciamos, portanto, que o mesmo que acontece com as palavras reais, acontece com os logatomas e a partir desses logatomas (já que as palavras reais são conhecidas pelos falantes), observamos porque que o falante dá preferência por economia na junção de duas bases. A tabela 03 explicita como a eurritimia do PB é melhor, quando duas bases são sobrepostas e que manter todos os segmentos nas bases provoca um desequilíbrio entre si. Por isso, a manutenção do

balanceamento de sílabas é importante para assegurar uma melhor cadência para as questões de ritmo da língua. Essa economia torna-se mais clara, quando, além de haver quedas de sílabas, as bases terem sílabas semelhantes ou idênticas contíguas.

Tabela 3 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em portmanteaux com perda de segmentos e/ou sílaba(s) e aplicação da haplologia

CANDIDATOS	NÍVEIS DE ACEITABILIDADE											
	0		1		2		3		4		5	
Palavras reais												
Advogada	2/78	3%	5/78	6%	7/78	9%	3/78	4%	7/78	9%	54/78	69%
Carnatal	8/78	10%	4/78	5%	8/78	10%	3/78	4%	5/78	6%	50/78	64%
Mendigata	6/78	8%	1/78	1%	9/78	12%	6/78	8%	7/78	9%	49/78	63%
Luladrão	27/78	35%	5/78	6%	7/78	9%	10/78	13%	5/78	6%	24/78	31%
Sacolê	4/78	5%	3/78	4%	4/78	5%	2/78	3%	8/78	10%	57/78	73%
Meigalinha	22/78	28%	3/78	4%	9/78	12%	5/78	6%	6/78	8%	33/78	42%
Trágicômica	27/78	35%	5/78	6%	4/78	5%	7/78	9%	7/78	9%	28/78	36%
MÉDIA		18%		5%		9%		7%		8%		54%
Logatomas												
Rocambolo	6/78	8%	5/78	6%	3/78	4%	11/78	14%	14/78	18%	39/78	50%
Sapatrão	16/78	21%	4/78	5%	11/78	14%	4/78	5%	8/78	10%	35/78	45%
Janelata	26/78	33%	7/78	9%	6/78	8%	5/78	6%	7/78	9%	27/78	35%
Bolâmpada	24/78	31%	6/78	8%	12/78	15%	9/78	12%	7/78	9%	20/78	26%
MÉDIA		23%		7%		10%		9%		11,5%		39%

Fonte: Elaboração própria.

Por meio da tabela 3, observa-se que o falante tende a aceitar mais a forma haplologizada. Nas palavras reais, há uma média expressiva de 18% de rejeição para 54% de aceitabilidade. Nos logatomas, essa expressividade diminui um pouco, sendo a média de 23% para nada aceitável e 39% para muito aceitável, entretanto, ainda há uma diferença a ser considerada. Além do mais, os logatomas exigem uma análise mais crítica na análise, pois não são palavras que estão na memória do falante como as palavras reais que são mais assertivas na hora da escolha. É possível observar, também, que feita essa análise, os *portmanteaux* possuem equilíbrio de sílabas entre as bases.

Não podemos perder de vista também os níveis de aceitabilidade que estão entre dois extremos. Ao olhar para todos esses níveis, a média para a não aceitação da haplologia é de 40% (0 a 2), enquanto há 60% (3 a 5) para sua aceitação. Logo, manter sequências iguais não é bem aceita.

No entanto, a ocorrência da haplologia no processo do *portmanteau* não ocorre de qualquer maneira. Como já dissemos acima, os *portmanteaux* abrigam, em si, uma forte carga semântica e, em palavras com esse tipo de estrutura, ela precisa ser ponderada. O falante tende a optar pela forma mais econômica, desde que isso não ocasione num esvaziamento semântico. Neste caso, a economia nos *portmanteaux* tem um limite. Os logatomas como *macama* (maca + cama) e *pipada* (pipa + espada), por exemplo, tiveram um alto índice de aceitabilidade para o candidato que mantinha todos os segmentos nas bases, maca-cama com 40%, para 21% de nada aceitável e pipa-espada 50% de muita aceitabilidade e 14% de nada aceitável, enquanto suas formas haplogizadas tiveram 53% e 69% no índice máximo de rejeição, quando deveriam ser aceitas, justamente, por haver o efeito de economia. Essa economia, então, não ocorre de modo aleatório. Ela segue alguns princípios e um deles é a carga semântica. Observe o índice de aceitabilidade das palavras com as bases invertidas na tabela 04

Tabela 4 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em justaposição

CANDIDATO S	NÍVEL DE ACEITABILIDADE					
	0	1	2	3	4	5
Palavras reais						

Gata-advogada	36/78	46%	7/78	6%	4/78	5%	12/78	15%	6/78	8%	13/78	17%
Natal-carnaval	41/78	53%	7/78	9%	7/78	9%	9/78	12%	7/78	9%	7/78	9%
Gata-mendiga	37/78	47%	6/78	8%	8/78	10%	10/78	13%	9/78	12%	8/78	10%
Ladrão-lula	41/78	53%	7/78	9%	9/78	12%	8/78	10%	6/78	8%	7/78	9%
Picolé-saco	43/78	55%	10/78	13%	8/78	10%	6/78	8%	6/78	8%	3/78	4%
Galinha-meiga	42/78	54%	7/78	9%	7/78	9%	8/78	10%	5/78	6%	9/78	12%
Cômico-trágico	25/78	32%	4/78	5%	14/78	18%	4/78	5%	10/78	13%	21/78	27%
MÉDIA		49%		8%		10%		10%		9%		13%
Logatomas	0		1		2		3		4		5	
Bolo-rocambole	27/78	35%	8/78	10%	7/78	9%	9/78	12%	6/78	8%	21/78	27%
Patrão-sapatão	27/78	35%	4/78	5%	14/78	18%	4/78	5%	10/78	13%	21/78	27%
Lata-janela	44/78	56%	7/78	9%	11/78	14%	9/78	12%	5/78	6%	2/78	3%
Lâmpada-bola	29/78	37%	5/78	6%	9/78	12%	13/78	17%	9/78	12%	13/78	17%
MÉDIA		41%		7,5%		13%		11,5%		10%		18%

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que quando as bases são invertidas, a média para o alto índice de rejeição é equivalente, praticamente, a metade com 49%, em detrimento ao baixo índice de aceitabilidade que corresponde a apenas 13% nas palavras reais. Nos logatomas, temos 41% para 18%. Entendemos que é o nexos semântico que está envolvido, uma vez que, invertidas as bases, não há como estabelecer uma carga semântica para o *portmanteau*, perde-se a relação determinado e determinante. Vale lembrar que em cada *portmanteau* havia um contexto definindo-o. Fica claro, portanto, que a carga semântica também é um fator preponderante na análise da sobreposição de palavras.

No que tange ao balanceamento do número de sílabas entre as bases, é preciso considerar qual a natureza está envolvida na aplicação da haplologia no *portmanteau*. Como já discutimos, Battisti (2005) defende que a natureza da haplologia é por apagamento. Se assegurarmos que nos exemplos como *sacolé* (saco + picolé) e *sapatrão* (sapatão + patrão) a natureza é de apagamento, haveria desequilíbrio entre as sílabas, uma vez que a sílaba da primeira base tivesse que ser apagada. Parece-nos mais considerável, julgá-la com natureza de fusão, pois, assim, é mantido, por princípio, o balanceamento de sílabas entre as bases, isto porque, por meio da união, o segmento que é idêntico nas duas bases continua pertencendo às

duas bases sem redução do número silábico de nenhuma das duas bases. Parece-nos também que o balanceamento de sílaba precede a contiguidade de segmentos iguais ou semelhantes. O falante tende a optar pela queda de segmentos ou sílabas e não preferir sequências de segmentos idênticos. Por isso, também, alinhado à carga semântica, há indícios de que a atuação do balanceamento do número de sílabas prevaleça.

Fica claro que o processo da haplologia não ocorre de modo aleatório nessa operação morfológica. É viável que haja campo para sua ocorrência, mas haverá um limite nessa junção, pois não pode ter um esvaziamento semântico muito grande. Se a economia for expressiva, a haplologia tende a ser bloqueada.

7.3 Ocorrência da haplologia com sílaba pesada no *portmanteau*: uma análise perceptual

Os resultados desta seção surgiram a partir de análises anteriores em que analisamos o equilíbrio do número de sílabas entre as bases para verificar se havia uma predominância de um balanceamento de sílabas entre as bases sobrepostas. Ao analisar a sobreposição das bases, identificamos que, depois da queda de sílaba(s), elas mantinham um balanceamento entre si. A sobreposição de marido + noivo, por exemplo, resulta em *marinoivo*, deixando, dessa forma, as duas bases dissílabas. No quadro 8, atestamos que é no processo do *portmanteau* que haverá uma tendência para o balanceamento de sílabas entre as bases.

Quadro 8 – Esquema representacional da formação de base + base e seu respectivo

portmanteau resultante

BASES	PORTMANTEAU
a. namorado + marido	Namorido
b. vagabunda + piranha	Vagaranha
c. saco + picolé	Sacolé

Fonte: Elaboração própria.

Nos exemplos do quadro 8, é possível verificar um balanceamento do número de sílabas entre as bases. Em todos os casos, ambas as bases ficam dissílabas. Em nossas análises, havia uma recorrência para esse equilíbrio entre as bases. Em (08c), ainda, foi possível a ocorrência do fenômeno da haplologia. Depois da queda da sílaba [pi] da segunda base, as sílabas contíguas são [ko]. Por serem idênticas, houve um desaparecimento de uma dessas sílabas, tendo como forma resultante a palavra *sacolé*.

Durante a coleta, identificamos que, na sobreposição de palavras, há possibilidade da ocorrência do fenômeno fonológico com sílabas pesadas, como no quadro 9.

Quadro 9 – Esquema representacional da formação de base + base com sílabas pesadas

BASES	PORTMANTEAU
a. bandida + dilma	Band il ma
b. flamengo + merda	Flam er da

Fonte: Elaboração própria.

No quadro 9, nota-se que a sobreposição de palavras possibilita a ocorrência da haplologia com sílaba pesada. Adotamos esses casos como haplologia também, uma vez que a literatura – (GONÇALVES, 2005; CRYSTAL, 2000) – registra que o fenômeno pode ocorrer não só com sílabas contíguas iguais, como também com sílabas semelhantes. Ressaltamos que no primeiro caso, ocorre haplologia com uma sílaba leve e uma sílaba pesada - $[\widehat{d\zeta i}]$ e $[\widehat{d\zeta iw}]$ – e, no segundo casos, ambas sílabas são pesadas ($[me^w]$ e $[mex]$).

Em (09a), a sílaba da primeira base, $[\widehat{d\zeta i}]$, une-se à da segunda, $[\widehat{d\zeta iw}]$, enquanto em (09b), $[me^w]$, une-se à $[mex]$. Nos dois casos, todos os segmentos das sílabas da direita permanecem. No processo do *portmanteau*, a marcação acentual fica marcada mais na base da direita. Isso explica porque a sílaba com coda da direita permanece na forma resultante.

Nessa perspectiva, procuramos analisar, por meio de experimentos, o nível de aceitabilidade por partes do brasileiros acerca da haplologia em sílaba com coda no processo do *portmanteau* como forma de compreender se o balanceamento do número de sílabas entre as bases prevaleceria, também, em exemplos de *portmanteaux* com sílaba pesada. Na tabela 5, temos os resultados dos níveis de aceitabilidade de possíveis *portmanteaux* para palavras reais e logatomas que mantem todos os segmentos das bases.

Tabela 5 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em *portmanteaux* sem quedas de sílabas.

CANDIDATOS	NÍVEL DE ACEITABILIDADE											
	0		1		2		3		4		5	
Palavras reais												
Flamengo-merda	32/78	41%	5/78	6%	10/78	13%	4/78	5%	11/78	14%	16/78	21%
Gelo-louco	24/78	31%	4/78	5%	9/78	12%	7/78	9%	10/78	13%	24/78	31%
MÉDIA		36%		5.5%		12.5%		7%		13.5%		26%
Logatomas												
	0		1		2		3		4		5	
Simon-monstro	25/78	32%	6/78	8%	6/78	8%	10/78	13%	10/78	13%	21/78	27%
Chapolin-lindo	28/78	36%	11/78	14%	10/78	13%	9/78	12%	4/78	5%	16/78	21%
MÉDIA		34%		11%		10.5%		12.5%		9%		24%

Fonte: Elaboração própria.

Ao observarmos os exemplos da tabela 5, os extremos de rejeição e aceitabilidade das palavras, nota-se que o falante não opta pela forma com todos os segmentos, embora haja uma proximidade entre o índice máximo de rejeição (0) e o índice máximo de aceitabilidade (5). Ao considerarmos os níveis de 0 a 2, a porcentagem é de 60% em detrimento aos níveis de 3 a 5 com 40% para *flamengo-merda*. Em *gelo-louco*, os três primeiros níveis totalizam 48%, enquanto os três últimos 52%. Consideramos aceita essa forma, porque a forma resultante dessas bases já são dissílabas e diminuir mais essa forma, resultaria numa esvaziamento semântico.

Algo parecido, ocorre com o logatoma *simon-monstro*, só que de modo contrário ao da palavra real (o três primeiros níveis com 48% e os três últimos com 52%), mas ainda assim, o argumento sobre o equilíbrio de sílabas entre as bases se sustenta. O comportamento do segundo logatoma, *chapolin-lindo*, equivale ao comportamento da palavra real, *flamengo-merda*. Os logatomas, portanto, asseguram como as palavras reais se comportam na cabeça do falante. Ao analisar tais palavras com queda e desaparecimento de segmento, notamos, por meio do tabela 6, que o falante aceita as formas haplologizadas em todos os casos

Tabela 6 – Porcentagem por grau de aceitabilidade em *portmanteaux* com queda de sílabas e ocorrência da haplologia

CANDIDATOS	NÍVEL DE ACEITABILIDADE					
	0	1	2	3	4	5
Palavras reais						

Flamerda	13/78	17%	4/78	5%	7/78	9%	2/78	3%	5/78	6%	47/78	60%
Gelouco	15/78	19%	6/78	8%	10/78	13%	3/78	4%	6/78	8%	38/78	49%
MÉDIA		18%		6.5%		11%		3.5%		7%		54.5%
Logatomas	0		1		2		3		4		5	
Simonstro	16/78	21%	5/78	6%	10/78	13%	4/78	5%	6/78	8%	37/78	47%
Chapolindo	14/78	18%	3/78	4%	14/78	18%	4/78	5%	6/78	8%	37/78	47%
MÉDIA		19.5%		5%		15.5%		5%		8%		47%

Fonte: elaboração própria.

Ao observar os índices extremos de aceitabilidade, notamos que o falante aceita, unanimemente, todas as formas haplologizadas. Isso é indício do quanto o fenômeno é eficaz na aplicação do português no processo do *portmanteau*. Por mais que não houvesse aceitação do caso de *gelo-louco* na tabela 1, quando testada a palavra na forma haplologizada, o falante tende a aceitar bem.

Esses exemplos da tabela 6 justificam a preferência do falante pela economia na sobreposição das bases. Neles também, podemos ver que se mantém a característica prosódica de umas das bases, que, segundo Araújo (2000), garante ao *portmanteau* apenas uma palavra prosódica. Nos casos de *flamerda*, *gelouco* e *simonsntro*, em que as sílabas contíguas são semelhantes, notamos e que há preferência pela manutenção da sílaba tônica mais à direita.

Ao levarmos em conta questões de balanceamento de sílabas, se julgarmos a natureza da haplologia apenas como apagamento, só o logatoma *chapolindo* caberia dentro do contexto, uma vez que haveria um desaparecimento total da sílaba [lin] da primeira base, possibilitando que ambas fiquem dissílabas. Por outro lado, no outros exemplos, se julgarmos apenas essa natureza da haplologia, perderíamos de vista o equilíbrio entre as bases. Em *flamerda*, por exemplo, a primeira base ficaria monossilábica, enquanto a segunda, por natureza, se manteria dissílaba.

Por esse motivo, assegurando um balanceamento de sílabas entre as bases, poderemos considerar a natureza da haplologia por fusão, em que as sílabas envolvidas se unem e provoca um desaparecimento, digamos que, parcial. Sendo assim, em *gelouco* teríamos *gelo₁lou₂co* que se tornaria *gelou₁₂co*. Se o desaparecimento é parcial, ambas as sílabas estão presentes, porém a primeira de modo implícito e segunda realizada foneticamente. Asseguraríamos, portanto, a prevalência de um balanceamento de sílabas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou claro que a justaposição pode ser um tipo de processo que tende a manter autonomia fonética das bases, preservando o acento e segmentos que as constituem (ANDRADE; RONDININI, 2016), mas que outras combinações são possíveis, como se verifica no *portmanteau* que apresenta queda de sílaba para permitir um padrão rítmico mais adequado à língua.

Nesta dissertação, mostramos que a perda segmental está relacionada à haplologia, que elimina segmentos contíguos idênticos e/ou semelhantes e a perda de sílaba ou sílabas está relacionada ao balanceamento do número de sílabas das bases da palavra formada. Isso responde ao nosso questionamento inicial sobre qual o funcionamento da haplologia no processo do *portmanteau*, mostrando que, além de regras fonológicas de balanceamento de número de sílabas, o fenômeno fonológico está atuando no *portmanteau*.

No que tange ao acionamento da haplologia, mostramos que o que irá prevalecer, ainda, é o balanceamento do número de sílabas entre as bases. Logo, no fenômeno fonológico pode ser observado um desaparecimento que pode ser por fusão ou por apagamento. A natureza desse apagamento é determinada pelo número de sílabas das bases envolvidas. Se as bases a serem haplologizadas possuem mesmo número de sílabas, a haplologia é do tipo fusão. A forma haplologizada funciona como duas unidades distintas de sorte que as duas bases do *portmanteau* formado possuam o mesmo número de sílaba.

Se, contudo, tratar-se de duas bases com número de sílabas diferentes, a haplologia é do tipo apagamento, ou seja, o elemento idêntico da base de maior número desaparece, permanecendo somente o elemento idêntico da base menor. Dessa forma, o *portmanteau* formado terá as duas bases de sua constituição com número de sílabas iguais.

Recorremos, então, a uma análise, por meio da OT, que desse conta de responder a possibilidade da ocorrência da haplologia como fusão ou como apagamento, no processo do *portmanteau*. Para uma análise mais eficaz, foi necessária uma extensão que abarcasse processos morfológicos, a saber: CT. Essa extensão é importante, segundo Gonçalves (2005), pois a Morfologia é diferente: Acessa informações prosódicas, fica sujeita a pressões fonotáticas e “formas subjacentes nunca podem ser exatamente idênticas às de superfície” (GONÇALVES, 2005, p. 84).

A CT, portanto, mostra-se mais adequada para responder processos morfológicos, pois firma-se como um exemplo geral de fidelidade entre representações linguísticas (GONÇALVES, 2005). E o balanceamento silábico entre as bases denota uma prevalência em

processo como *portmanteau*. Mesmo que tal processo acione a aplicação da haplologia, ainda haverá equilíbrio entre o número de sílabas das bases e o fenômeno fonológico pode ser compreendido sob duas naturezas: de fusão ou de apagamento.

Elaboramos, também, uma investigação por meio da percepção dos brasileiros diante de composição de palavras com perda de material fonético e testar o grau de aceitabilidade do balanceamento de sílabas, da haplologia para esse fenômeno.

Mostramos que a aplicação da haplologia no processo tem um alto índice de aceitabilidade pelos falantes e que será o balanceamento de sílabas que irá prevalecer na contiguidade de segmentos ou sílabas iguais e como há prevalência para esse equilíbrio, poderemos apresentar a natureza do fenômeno fonológico como fusão – em que duas sílabas se comportam com o som de uma –, além de apagamento, em que há o desaparecimento total de umas das sílabas.

Evidenciamos, a partir dos experimentos, que, para a ocorrência do processo da haplologia, segue-se uma lógica (o campo semântico não pode ser, grandemente, esvaziado). Logo sua ocorrência não acontece de modo aleatório na operação morfológica (*portmanteau*). É viável que haja campo para sua ocorrência, mas haverá um limite nessa junção, pois não pode ter um esvaziamento semântico muito grande. Se a economia for expressiva, a haplologia tende a ser bloqueada.

Este trabalho fecha um ciclo, mas abre outras possíveis análises, tal qual investigar as motivações fonológicas para atribuição de acento no *portmanteau* com vistas a verificar a aplicabilidade do algoritmo acentual do PB nesses tipos de compostos. Além de mapear os tipos de *portmanteau* com e sem haplologia quanto ao tipo de tonicidade com o intuito de verificar se há alguma relação entre presença e ausência de haplologia e tipo de tonicidade.

Estas propostas propõem uma boa investigação para a atribuição do acento em *portmanteau*, pois irá concorrer para conhecimento da fonologia do português, além de ser importante para o aprimoramento das teorias fonológicas sobre sílaba e acento.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, Mônica G. R.; GOMES, Christina A. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. **Ensaio de Linguística**, nº 7, p. 43-51, 1982.
- ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela teoria da otimidade**. Dissertação de mestrado. Pelotas: UCPel, 2004.
- ANDRADE, Katia Emmerick; RONDININI, Roberto Botelho. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** (Online), v. 32, p. 861-887, 2016.
- ARAÚJO, Gabriel A. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. **Caderno de Estudos linguísticos**: Campinas, (39): 5-21, 2000.
- ARONOFF, Mark. **Word Formation in Generative Grammar**. Cambridge/Massachussetts: The MIT Press, 1976.
- AUGUSTO, M. Celeste. Processos velhos, palavras novas: recursos de renovação lexical. **Filologia E Linguística Portuguesa**, (10-11), 13-29, 2009
- BAT-EL, Outi. Selecting the best of the worst: the grammar of Hebrew blends. **Phonology** 13: 283-328, 1996.
- BATTISTI, Elisa. Haplologia sintática e efeitos da economia de economia. **Organon** (UFRGS), Porto Alegre-RS, v. 18, n.36, p. 31-39, 2004.
- BATTISTI, Elisa. Haplologia no português do sul do Brasil. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 40 (3), p. 73-88, 2005.
- BAUER, Laurie. English word-formation. **Cambridge**: Cambridge University Press, 1983.
- BAUER, Laurie. Morphological Productivity. **Cambridge**: Cambridge University Press, 2001
- BISOL, Leda. O troque silábico no sistema fonológico (um adendo ao artigo de Plínio Barbosa). **Delta**, São Paulo, v. 16 (2), p. 403-413, 2000.
- BAUER, Laurie. O acento, mais uma vez. **Letras & Letras**, Uberlândia, 18 (2), p. 103-110, 2002.
- BAUER, Laurie. O acento: duas alternativas de análise. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, pp. 281-321, 2013.
- BAUER, Laurie; SCHWINDT, Luiz Carlos (orgs.). **Teoria da Otimidade**: Fonologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- BRAGA, Emerson Viana; PACHECO, Vera. Haplologia e balanceamento do número de sílabas na justaposição. In: ATAÍDE, Cleber A.; AZEVEDO, Isabel C. Michelin de;

FREITAG, Raquel M. Ko (Org.). **Linguística e Literatura – teoria, análises e aplicações**. 1ª ed. Recife: Pipa Comunicação, p. 875-886, 2018.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Paulistana, 2007.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CANNON, Garland. Blends in English word formation. **Linguistics** 24, p. 725-753, 1986

COLLISCHONN, Gisela; SCHWINDT, Luiz C. Teoria da Otimidade em Fonologia: rediscutindo conceitos. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela. **Teoria Linguística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, p. 17-49, 2003.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução e adaptação [da 2ª ed. Inglesa ver. e ampliada, publicada em 1985]. DIAS, Maria Carmelita Pádua. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DE LACY, Paul. Morphological haplology and correspondence. In.: DE LACY, Paul; NOWAK, Anita. **University of Massachusetts Occasional Papers: Papers from the 25th Reunion**. Amherst, MA: GLSA, 1999. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/298-0299/roa-298-lacy-1.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

GOLDSMITH, John A. **autossegmental Phonology**. Dissertação de mestrado. MIT, Massachusetts: Ph.D, 1976.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Processos Morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional**. Alfa (ILCSE/UNESP): São Paulo. 48(1): 9-28, 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** (PUCSP. Impresso): São Paulo, v. 21, n. 1, p. 75-119, 2005.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; SILVA, Luciana de Almeida. Haplologia morfológica das formas X-ção: enfoque diacrônico e representação morfo-prosódica. **Caderno Seminal Digital**: Rio de Janeiro, v. 6, p. 148-164, 2006.

HARRIS, James Wesley. Spanish Phonology. Cambridge, **MIT Press**, 1969.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário de Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KARISU, Kazutaka. **The phonology of morpheme realization**. Dissertação de mestrado. California: University of California Santa Cruz, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico**. Um estudo do percurso histórico da acentuação no Português. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.

MATZENAUER, Carmen L. B.; BONILHA, Giovana F. G. **Aquisição da fonologia e Teoria da Otimidade**. Pelotas, EDUCAT, 2003.

MCCARTHY, John. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. **Linguistic Inquiry**, 12 (3): 373-417, 1986a.

MCCARTHY, John. OCP effects: gemination and antigemination. **Linguistic Inquiry** 17, v. 2 p.207-263, 1986b.

MCCARTHY, John. A thematic guide to Optimality Theory. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2002.

MCCARTHY, John. What is Optimality Theory? Linguistics Department Faculty Publication Series, **Paper 93**, 2007.

MCCARTHY, John; PRINCE, Alan. Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction. Manuscrito, University of Massachusetts, Amherst, and Rutgers University, **New Brunswick**, N. J., 1993.

MCCARTHY, John; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity. **Rutgers University**, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. Prosodic Phonology. Dordrecht-Holland: **Foris Publications**, 1986.

PIÑEROS, Carlos-Eduardo. The creation of portmanteau in the extra grammatical morphology of Spanish. **Rutgers Optimality Archive**, 2002. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/526-0602/526-0602-PINEROS-0-0.PDF>> Acesso em 01 de mai. de 2018.

PRADO, Natália Cristine. **Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre português arcaico e português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 2010.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar. **Rutgers University e University of Colorado-Boulder**, 1993.

SÁ NOGUEIRA, Rodrigo de. **Elementos para um tratado de fonética portuguesa**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1938.

SÁ NOGUEIRA, Rodrigo de. **Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português**. 2ª ed. Lisboa. Livraria Clássica, 1958.

SCHIFFMAN, Harvey Richard. **Sensação e percepção**. Tradução Luís Antônio Fajardo Pontes, Stella Machado. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

SCHWINDT, Luiz C. Teoria da Otimidade e fonologia. In: BISOL, Leda. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 257-279, 2005.

SCHWINDT, Luiz C.; COLLISCHONN, Gisela. Teoria da Otimidade. In: HORA, Dermeval da.; MATZENAUER, Carmen Lúcia. (orgs.) **Fonologia, Fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, p. 141-156, 2017.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, Van Der. The structure of phonological representations (part. II). Dordrecht-Holland: **Foris Publications**, 1982, p. 337-383.

TENANI, Luciani Ester. **Domínios prosódicos no português do Brasil**. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 2002.

VAN MARLE, Jaap. On the Paradigmatic Dimension of Morphological Creativity. **Language Sciences**, 18, Dordrecht: Foris, 1985.

VILLALVA, Alina. A formação de palavras: composição. In: MATEUS, M.H.M; BRITO, A.M; DUARTE, I.; FARIA, I.H. **Gramática da Língua Portuguesa**. Portugal: Editorial Caminho, p. 979-980, 2003.

VILLALVA, Alina. **Morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

Chato	Mattoso	Chattoso	(GONÇALVES, 2004)
Computador	Merda	Compumerda	Logatoma
Copo	Chocolate	Copolate	Logatoma
Flamengo	Merda	Flamerda	(ARÁÚJO, 2000)
Forró	Roça	forroça	(ARÁÚJO, 2000)
Gelatina	Mistura	Gelatura	Logatoma
Gelo	Louco	Gelouco	(ARÁÚJO, 2000)
Globo	Bosta	Globosta	(ARÁÚJO, 2000)
Janela	Lata	Janelata	Logatoma
Lambe	Beijo	Lambeijo	Comunicação diversa
Lula	Ladrão	Luladrão	Comunicação diversa
Maca	Cama	Macamã	Logatoma
Maravilhosa	Linda	Maravilinda	Comunicação diversa
Marido	Noivo	Marinoivo	(ARÁÚJO, 2000)
Mato	Motel	Matel	(GONÇALVES, 2004)
Meiga	Galinha	Megalinha	Comunicação diversa
Mendiga	Gata	Mendigata	Comunicação diversa
Monitor	Trouxa	Monitrouxa	(ARÁÚJO, 2000)
Namorado	Marido	Namorido	(ARÁÚJO, 2000)
Pipa	Espada	Pipada	Logatoma
Português	Espanhol	Portunhol	(ARÁÚJO, 2000)
Promoção	Mochila	Promochila	(ARÁÚJO, 2000)
Prostituta	Puta	Prostiputa	(ARÁÚJO, 2000)
Rocambole	Bolo	Rocambolo	Logatoma
Saco	Picolé	Sacolé	(GONÇALVES, 2004)
Safado	Gato	Safagato	Logatoma
Santão	Putão	Santão	Logatoma

APÊNDICE B – Formulário de teste de percepção do *Google Forms*

The image shows a Google Forms interface. At the top, there are two tabs: 'PERGUNTAS' (Questions) and 'RESPOSTAS' (Responses). The 'PERGUNTAS' tab is active, and a counter shows '78' responses. The title of the form is 'PERCEPÇÃO DOS BRASILEIROS SOBRE A FORMAÇÃO DE PALAVRAS COM BASE+BASE'. Below the title, there is a paragraph of introductory text, followed by a paragraph explaining the survey structure. At the bottom, there is a text input field for 'Sua cidade e estado.' with a red asterisk indicating it is required. Below this field, there is an example 'Ex: Jequié/Bahia' and a label 'Tempo de resposta curta' (Short response time) with a dotted line indicating a limit.

PERGUNTAS RESPOSTAS 78

PERCEPÇÃO DOS BRASILEIROS SOBRE A FORMAÇÃO DE PALAVRAS COM BASE+BASE

Antes de mais nada, gostaria de agradecer, imensamente, por você dedicar um pouco do seu tempo para responder a esse formulário. Saiba que ele será fundamental para entendermos melhor o funcionamento de um tipo de formação de palavra muito usado no português atual.

No questionário abaixo, há uma série de enunciados com exemplos. Você dará uma nota para cada exemplo apresentado. É bastante simples: você lerá, a priori, a característica atribuída aos exemplos (todos exemplos pertencem à mesma característica do enunciado) e, em seguida, dará uma nota de 0 (NADA ACEITÁVEL) a 5 (MUITO ACEITÁVEL) para cada um dos exemplos, seguindo à sua percepção de aceitabilidade de cada exemplo.

Sua cidade e estado. *

Ex: Jequié/Bahia

Tempo de resposta curta

PERGUNTAS

RESPOSTAS

78

Seu nível de escolaridade.*

- ☐ Ensino fundamental I completo
- ☐ Ensino fundamental II completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino Médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Outros...

Seu sexo*

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outros...

PERGUNTAS

RESPOSTAS

70

Característica atribuída, pela esquerda, a um atual político candidato à presidência *

0- NADA ACEITÁVEL / 5- MUITO ACEITÁVEL

	0	1	2	3	4	5
Bolsonaro-lixo	☐	☐	☐	☐	☐	☐
lixo-bolsonaro	☐	☐	☐	☐	☐	☐
bolsolixo	☐	☐	☐	☐	☐	☐
bolsonalixo	☐	☐	☐	☐	☐	☐
libolsonaro	☐	☐	☐	☐	☐	☐
lisonaro	☐	☐	☐	☐	☐	☐
linaro	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Característica para um computador "imprestável" *